

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Janela da comunicação com vista para famílias adotivas

Maria Marta Coelho Boa-Alma

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Seção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Janela da comunicação com vista para famílias adotivas

Maria Marta Coelho Boa-Alma

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Seção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2015

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Narciso por ter sido um verdadeiro apoio no cumprimento e finalização desta fase tão importante. Pelo génio, criatividade, persistência e paciência; pela lente que me permitiu olhar as coisas de outra forma, e me fez avançar, mais confiante; pela disponibilidade, simpatia e bom humor de sempre; Não me vou esquecer de si. Muito, muito obrigada!

À Doutora Marta Santos Nunes por ter estado sempre presente nas alturas mais importantes; pelo apoio incansável e serenidade transmitida. E, sobretudo, pela palavra amiga, sempre que necessária, nos momentos mais difíceis. Obrigada por tudo!

À Filipa Nogueira por ter estado sempre disponível para partilha de preocupações, stresses e conquistas, pela ajuda em todos momentos!

Às Pituxens Online por serem as melhores amigas que podia pedir, e, sem dúvida, uma das melhores coisas que retiro destes 5 anos. Adoro-vos, hoje e sempre.

Ao Grupo dos 4 pelos momentos de descontração e risos imprescindíveis e pelo apoio na finalização deste processo.

À família Amorino Lisboa pelo incentivo e amizade de sempre!

À Ana Silva, Marta Mancelos e Margarida Fernandes, por, mesmo longe, fazerem parte do meu caminho. Por todo o apoio, desde pequeninas, obrigada!

*Ao Pedro Silva, por ter estado presente do início ao fim desta etapa e por ter equilibrado e cada vez mais equilibrar a minha vida. Por todo o amor e apoio.
Obrigada!*

Aos meus pais, por serem o meu pilar, por depositarem em mim toda a confiança do mundo, pelo orgulho que têm em mim e pela questão que fazem em mostrá-lo. Pelo amor desmedido e incondicional, obrigada. Sem vocês nada disto seria possível.

“O Amor é uma luz que não deixa escurecer a vida.”

Camilo Castelo-Branco

Resumo

A presente investigação pretende compreender, através da análise de narrativas de pais adotivos sobre o comportamento/comunicação na família, processos relacionais familiares, e significações atribuídas ao comportamento dos filhos e às relações com outros sistemas. O estudo foi realizado com base numa amostra composta por 17 participantes casados ou em união de facto – 9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino – com apenas filhos adotivos. Tendo por base o paradigma construcionista e uma metodologia qualitativa, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, tendo sido efetuada uma análise temática posterior, através do *software QSR NVIVO10*. Os resultados obtidos revelam indicadores de parentalidade positiva, nomeadamente um estilo parental predominantemente autoritativo, afetividade, orientação para o diálogo e comunicação aberta sobre a adoção. No que diz respeito à relação conjugal, esta parece ser caracterizada por níveis elevados de sintonia, diálogo e apoio mútuo, este último surgindo como um importante recurso intra-familiar. Os pais identificam ainda forças/competências e fragilidades/dificuldades associadas ao comportamento dos filhos: as forças, relacionadas com a afetividade, humor-alegria, obediência, autonomia e resiliência; e as fragilidades, apresentando grande centralidade nas narrativas parentais, relacionadas com dificuldades escolares, rejeição, dependência-insegurança, problemas de comportamento, ansiedade, manipulação, necessidade de atenção, problemas de saúde, oposição, dificuldades sociais, teimosia, mentira e ciúme. Por fim, face às significações atribuídas à relação com outros sistemas, surgiram significações positivas, associadas à família de origem, escola, enquanto apoio importante para superar as dificuldades escolares, técnicos de saúde mental, sistema de adoção e amigos; e significações negativas associadas à família de origem, devido à intromissão na educação dos filhos, e escola, devido à falta de compreensão face às dificuldades das crianças. São, ainda, discutidas as limitações e possíveis implicações do estudo.

Palavras-chave:

Adoção, comunicação familiar, processos relacionais familiares, significações.

Abstract

This research aims to understand, through the analysis of adoptive parents' narratives about the behavior/family communication, family relational processes, and meanings attributed to children's behavior and the relations with other systems. The study was conducted with a sample of 17 participants married or in marital cohabitation - 9 female and 8 male- with only adopted children. Based on the constructionist paradigm and following a qualitative methodology, a semi-structured interview was applied, and a subsequent thematic analysis through *QSR NVIVO10* software was made. The results show positive parenting indicators, namely a predominantly authoritative parenting style, affection, dialogue and open communication about the adoption. With regard to the marital relationship, it seems to be characterized by high levels of harmony, dialogue and mutual support, the latter emerging as an important intra-household resource. Parents also identified strengths / skills and weaknesses / difficulties associated to children's behavior: the strenghts were related to affection, humor, joy, obedience, autonomy and resilience; and the weaknesses, with great centrality in parental narratives, were related to learning difficulties, rejection, dependence, insecurity, behavior problems, anxiety, manipulation, need for attention, health problems, opposition, social difficulties, stubbornness, lies and jealousy. Finally, regarding the meanings attributed to the relationship with other systems, there were positive meanings associated to the family of origin, school as an important support to overcome learning difficulties, mental health technicians, adoption and friends; and negative meanings associated to the family of origin due to meddling in childcare, and school because of the lack of understanding about children's difficulties. Limitations and possible implications of the current study are also discussed.

Key-words:

Adoption, family communication, family relations, meanings.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
Janela da Comunicação com Vista para a Família.....	3
Janelas da comunicação em famílias adotivas – Olhar sobre o microssistema.....	6
Janelas da comunicação em famílias adotivas – Olhar sobre o meso-exossistema....	11
Janelas da comunicação em famílias adotivas – Olhar sobre o macrosistema.....	13
II. PROCESSO METODOLÓGICO.....	15
Enquadramento Metodológico.....	15
Desenho da Investigação.....	16
Questão Inicial, Objetivos e Questões de Investigação.....	16
Estratégia Metodológica.....	17
Amostra e Procedimentos de Recolha.....	17
Seleção da Amostra.....	17
Caraterização da amostra.....	18
Instrumentos Utilizados.....	19
Questionário Sociodemográfico.....	19
Entrevista Semiestruturada.....	19
Procedimento de Análise de Dados.....	20

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	22
Apresentação e análise parcelar.....	22
Janela para o microssistema familiar - temáticas mais relevantes.....	22
Janela para o microssistema familiar - processos relacionais mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a interação pais-filhos.....	23
Janela para o microssistema familiar - processos relacionais mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a díade conjugal.....	26
Janela para o microssistema familiar - significações positivas e negativas nas narrativas dos pais sobre o comportamento dos filhos.....	29
Janela para o meso-exossistema - significações positivas e negativas sobre a relação com outros sistemas.....	35
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
Síntese dos principais resultados.....	41
Limitações do estudo.....	43
Contributos do estudo.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Processos relacionais na interação pais-filhos.....	23
Figura 2- Processos relacionais na díade conjugal.....	27
Figura 3- Significações negativas face ao comportamento dos filhos.....	29

Figura 4- Significações positivas face ao comportamento dos filhos.....	33
Figura 5- Significações ao nível da interação com o meso-exossistema.....	35
Figura 6- Hipótese emergente sobre processo de adaptação em famílias adotivas.....	43

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice I- Árvore de Categorias

INTRODUÇÃO

A família é um organismo vivo e em constante evolução (Relvas, 1996). Exatamente por isso, ao analisar a instituição família partindo de uma perspectiva sistémica, não podemos deixar de ter em conta que este é um sistema dinâmico e que, nas últimas décadas, o seu conceito tem vindo a adquirir uma extensão muito mais ampla com significações que valorizam mais os sentimentos do que os laços biológicos. Tal evolução fez com que atualmente exista uma maior aceitação da diversidade, não havendo um padrão único de família tradicional (Dias, 2011). É precisamente neste sentido que se enquadram as famílias adotivas.

Em sentido lato, a adoção pode definir-se como “a inserção num ambiente familiar de forma definitiva e com a aquisição do vínculo jurídico próprio da filiação, segundo as normas legais em vigor, de uma criança cujos pais morreram, são desconhecidos, não querem assumir o desempenho das suas funções parentais ou são, pelo tribunal, considerados incapazes de as desempenhar” (Boliero & Guerra, 2009, p.311). Pode colocar-se, ainda, a situação de, após avaliação e intervenção realizada por técnicos especializados, não ter sido encontrada na família alargada a alternativa adequada ao bem-estar da criança. Em Portugal, e enquanto medida de promoção e proteção, a adoção pode ocorrer através de duas formas. A primeira consiste na aplicação da medida de confiança a pessoa selecionada para a adoção, ficando a criança à sua guarda. A outra alternativa consiste na medida de confiança a instituição com vista a futura adoção, alternativa esta em que a criança fica à guarda da instituição onde se encontra no momento acolhida, até que a adoção se concretize. O Tribunal é a única entidade com competência para decretar a aplicação de tais medidas (Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro).

Em Portugal, existem dois tipos de adoção: Plena e Restrita. Na adoção plena, a criança ou jovem adotado torna-se filho do adotante, adquirindo os mesmos direitos sucessórios dos descendentes naturais e passando a fazer parte da sua família, deixando de ter relações familiares com a sua família de origem. Desta forma, o adotado perde os seus apelidos de origem e adquire os apelidos dos adotantes, podendo, ainda, mediante pedido dos pais adotivos e autorização do tribunal, mudar o nome próprio. A adoção plena é definitiva, não podendo nunca ser revogada. No que diz respeito à adoção restrita, a criança ou jovem adotado mantém todos os direitos e deveres em relação à

família de origem, podendo receber apelidos do adotante, mas mantendo um ou mais apelidos da família de origem. Na adoção restrita, o adotado, ou os seus descendentes, e os parentes do adotante não são herdeiros uns dos outros. A todo o momento, por decisão judicial, a adoção restrita pode ser revogada, podendo ainda ser convertida em adoção plena, mediante pedido dos adotantes e desde que se verifiquem os requisitos exigidos na lei (Instituto da Segurança Social, 2014). No que concerne à tipologia de candidatos à adoção, podemos elencar dois tipos: aqueles para os quais a adoção surge como alternativa à parentalidade biológica (por uma miríade de possíveis fatores, como é o caso das limitações biológicas); e, aqueles que embora tenham gerado filhos, optam pela adoção (pelo desejo de ajudar uma criança em específico ou por razões de justiça social) (Jennings, Mellish, Tasker, Lamb & Golombok, 2014). A seleção dos candidatos é da responsabilidade do organismo competente da Segurança Social.

O processo de ajustamento à adoção varia de acordo com diversos fatores como a idade da criança, a idade no momento em que foi adotada, se existe fratria ou não, se falamos de uma família monoparental ou com casal parental, a história de vida da criança, o motivo que levou à adoção, seja infertilidade ou desejo de ajudar, entre muitos outros fatores, etc. (Grotevant e McDermott, 2014). Estas diversas variáveis resultam numa imensa variabilidade de famílias adotivas, cada uma com as suas especificidades enquanto família não-normativa. Porém, apesar das singularidades que as caracterizam e que imprimem algumas diferenças nodais relativamente às famílias biológicas, são substancialmente famílias. Como tal, também as famílias adotivas são entretecidas em processos relacionais que se desenvolvem em diferentes níveis sistémicos (intra e extra-familiares) através da comunicação, base de toda a interação e integração de experiências (Dias, 2011), dado que as ações dos indivíduos se baseiam nas interpretações que estes fazem da realidade, particularmente sobre objetos e situações relevantes (Carvalho, Borges & Rêgo, 2010).

A presente dissertação foca-se, pois, na parentalidade adotiva, centrando-se especificamente na exploração e compreensão de processos familiares e significações sobre estes, através de narrativas parentais sobre o comportamento/comunicação familiar, considerando diferentes níveis sistémicos - intra e extra-familiares. Desta forma, partindo de um paradigma construcionista e de uma metodologia de investigação qualitativa, o presente estudo tem como finalidade última, contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre famílias adotivas portuguesas.

Esta dissertação está organizada nas seguintes seções: o Enquadramento Teórico, que apresenta uma síntese refletida sobre a revisão de literatura que efetuámos; o Processo Metodológico, onde se apresenta o desenho do estudo e as estratégias metodológicas; a Apresentação e Discussão dos Resultados, onde procedemos à descrição dos resultados e a uma análise dos mesmos, integrando-os com as questões de investigação e a revisão de literatura, e explicitando-os também através de excertos das entrevistas realizadas; e, finalmente, as Considerações Finais, que incluem não só uma síntese dos principais resultados, refletidos de um modo mais holístico, como também algumas considerações sobre os limites do estudo empírico, e sobre os seus possíveis contributos para a investigação e intervenção.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Janela da comunicação com vista para a família

São diversos os autores que se debruçaram sobre o conceito comunicação e inúmeros os pontos de vista que daí surgiram relativamente ao que pode ser incluído neste conceito. A comunicação pode ser entendida como um processo social que inclui e integra múltiplos sinais verbais e não-verbais (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1967), o que permite ao ser humano dar sentido ao mundo que o rodeia, e partilhar este sentido com os outros (Beebe, & Masterson, 1996), condicionando, pois, o seu comportamento (Carvalho, Borges & Rêgo, 2010). Assim, através do estudo da comunicação, pretende-se compreender os modos como as pessoas se afetam reciprocamente através do carácter de mensagem intrínseco aos seus comportamentos. Ou seja, dito de forma mais geral, trata-se do estudo da interação entre indivíduos e os seus contextos, que não são senão a sua realidade percebida e experienciada (Watzlawick & Jackson, 2010). A comunicação é, então, um ato social, apenas podendo ser compreendida nas articulações que se estabelecem entre os indivíduos e a sociedade (Sousa, 2014). Tal é coerente com a Teoria Bio-Ecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1994), que assume que o desenvolvimento e comportamento dos indivíduos ocorrem num quadro temporal de múltiplas influências interativas entre o indivíduo e vários contextos de diferentes níveis sistémicos.

Assim, a comunicação torna-se um meio essencial de compreensão dos processos de interação no sistema familiar, uma janela da comunicação para quem “espreita” de fora da “casa”, permitindo compreender as dinâmicas subjacentes ao funcionamento familiar nos diferentes níveis sistêmicos, intra e extra-familiares. A Teoria dos Padrões Comunicacionais Familiares (Family Communication Patterns Theory- FCPT) de Koerner e Fitzpatrick (2002) enquadra-se nesta perspectiva contextual da comunicação, focando precisamente a questão do sentido que é dado ao mundo, e aplicando-a ao funcionamento familiar através do conceito de realidade social partilhada. Esta teoria constitui-se enquanto referencial teórico que utiliza o conhecimento de diversas teorias existentes (e.g., Baumrind, 1971; Ritchie, 1991), fornecendo uma explicação mais forte acerca da associação entre as interações familiares e o ajustamento das crianças e jovens. Baseia-se na crença fundamental de que a criação de uma realidade social partilhada aumenta os níveis de compreensão mútua, sendo, pois, central para um funcionamento familiar harmonioso, bem como para o ajustamento saudável das crianças. De acordo com esta teoria (FCPT), as famílias criam uma realidade partilhada através de dois processos: orientação para o diálogo e orientação para o conformismo. A orientação para o diálogo é caracterizada pela interação frequente e espontânea entre os membros familiares, que permite que os indivíduos codescubram o significado dos símbolos e objetos da família e de cada um dos seus membros. Esta orientação é pautada por abertura e apoio, encorajando todos os membros da família a participar na definição da realidade social familiar. A orientação para o conformismo é caracterizada pela uniformidade nas crenças e atitudes. Esta orientação focaliza-se na obediência aos membros hierarquicamente superiores, muitas vezes manifestada na pressão para concordar e manter esta mesma hierarquia familiar. A orientação para o conformismo contribui para que os membros familiares com papéis de autoridade (e.g., os pais) definam a realidade social da família.

Segundo a FCPT, as duas orientações supracitadas definem quatro tipologias familiares: Consensuais, Pluralistas, Protetoras e Laissez-faire. As famílias Consensuais têm níveis elevados de diálogo e conformismo. Nestas famílias, a comunicação reflete a tensão entre a vontade de explorar as ideias através de uma comunicação aberta e a pressão para concordar com as figuras de autoridade. As famílias Pluralistas têm baixos níveis de conformismo e níveis elevados de diálogo. Neste caso, a comunicação familiar é caracterizada como sendo aberta e sem restrições, sendo cada um livre de partilhar

aquilo em que acredita e argumentar o motivo que o leva a defendê-lo. No que diz respeito às famílias Protetoras, estas têm níveis elevados de conformismo e níveis reduzidos de diálogo. Nestas famílias, a comunicação serve o propósito de manter a obediência e reforçar as normas familiares, não se atribuindo grande valor à troca de ideias ou desenvolvimento de competências comunicacionais. Finalmente, as famílias Laissez-faire possuem níveis reduzidos de diálogo e conformismo. Nesta tipologia, os membros familiares não se envolvem em grandes diálogos, sendo que não se valoriza especialmente a comunicação e a manutenção da unidade familiar (Koerner e Fitzpatrick, 2002).

Ao nível da investigação empírica, a tipologia defendida pela Teoria dos Padrões Comunicacionais Familiares (FCTP) tem sido relacionada com os estilos parentais, inicialmente propostos por Baumrind (1971), que resultam da combinação entre níveis elevados ou reduzidos de duas dimensões - afeto e controlo -, levando à definição de quatro estilos parentais: autoritário, autoritativo, permissivo, e negligente. O estilo parental autoritário é caracterizado por níveis elevados de controlo e níveis reduzido de afeto. Existe uma expectativa por parte dos pais de que as crianças cumpram sem questionar as regras por eles estabelecidas. O estilo parental autoritativo é caracterizado por níveis elevados de controlo mas também de afetividade. Os pais predominantemente permissivos possuem níveis elevados de afeto e níveis reduzidos de controlo, sendo pouco exigentes relativamente aos seus filhos. O estilo parental negligente é caracterizado por níveis reduzidos de afeto e controlo, caracterizando-se, pois, por baixa responsividade e pouco diálogo, podendo mesmo traduzir-se por abandono e/ou rejeição (Sartaj & Aslam, 2010; Simons & Conger, 2007).

A investigação demonstra a associação entre famílias consensuais e estilo parental autoritativo; famílias protetoras e estilo parental autoritário; famílias pluralistas e estilo parental permissivo; e famílias laissez-faire e estilo parental negligente (Isaacs & Koerner, 2008). As associações entre os padrões de comunicação familiar (FCPT) e o ajustamento adolescente são também consistentes com a investigação que mostra uma forte ligação entre pais calorosos e firmes e o ajustamento saudável das crianças (Rueter & Koerner, 2008; Steinberg, 2001).

As famílias adotivas, tal como referido anteriormente, são sobretudo famílias, independentemente das especificidades que as caracterizam. Neste sentido, e dado que os

seus processos relacionais são indissociáveis da comunicação, construindo-a e nela se construindo, consideramos pertinente o enriquecimento do conhecimento sobre famílias adotivas, tendo como lente axial a comunicação nos diferentes níveis contextuais.

Janelas da comunicação em famílias adotivas – Olhar sobre o microssistema

A literatura empírica mostra uma grande incidência de problemas comportamentais nas crianças adotadas (Escobar, Pereira & Santelices, 2014). Um estudo conduzido por Stams (2000) revelou, com base na comparação entre crianças adotadas e não adotadas, evidências de risco aumentado para problemas comportamentais nas crianças adotadas, sendo mais evidente nas crianças do sexo masculino. Tal risco pode explicar-se, em grande parte, pelo facto de as crianças adotadas terem, na sua maioria, uma história prévia à adoção recheada de modelos parentais desviantes, abandono, negligência, maus-tratos e institucionalizações mais ou menos longas (Yildirim e Roopnarine, 2015), o que dificulta também o desenvolvimento de uma vinculação segura aos pais adotivos (Barone & Lionetti, 2012; Woolgar & Baldock, 2015). As crianças adotadas após períodos de institucionalização são mais suscetíveis a diversos problemas comportamentais, nomeadamente problemas de externalização, internalização, perturbações de hiperatividade e défice de atenção (MacLean, 2003), ansiedade e problemas de sono (Williams, 2011). Foi também verificado que problemas sociais, tanto com pares como com adultos, são mais comuns nas crianças institucionalizadas e adotadas, do que naquelas criadas pela sua família biológica (Hoksbergen et al., 2004). Como exemplos deste tipo de problemas, ao nível do microssistema, pode referir-se a autoagressão e insulto, agressividade física e verbal para com os pais, mentiras, pequenos roubos e não cumprimento de regras domésticas (Limiñana & Martínez, 2012). À medida que o período de institucionalização das crianças vai aumentando, maior a probabilidade de os problemas comportamentais atrás referidos ocorrerem. Frequentemente, estes problemas tendem a manter-se após a adoção (Merz & McCall, 2010).

Associadas a estas dificuldades e problemas comportamentais, está, naturalmente algum *stress* parental. Um estudo longitudinal de metodologia mista, focado na análise do *stress* de pais adotivos concluiu que os pais adotivos apresentam níveis de stress superiores à média, nomeadamente nas subescalas associadas às interações disfuncionais entre pais e filhos, como é o caso da mentira, bem como às arduidades em

criar um filho com problemas comportamentais, devido a problemáticas como o déficit de atenção, ameaça de violência, agressões físicas e verbais e birras. Os níveis mais elevados de *stress* mostram-se associados a um menor ajustamento familiar e ao aumento dos problemas comportamentais da criança (McGlone, 2002). Assim, numa tentativa de compreender as estratégias encontradas pelos pais para lidarem com o *stress* que destes problemas advém, Bejenaru e Roth (2012) conduziram um estudo que concluiu que os pais adotivos recorrem ao apoio de técnicos de saúde mental e apoio da família ou amigos e conhecidos que tenham passado ou estejam a passar por situações semelhantes.

A qualidade da parentalidade adotiva é essencial para o reequilíbrio e ajustamento dos filhos, verificando-se a importância do estabelecimento de uma vinculação segura para atenuar o comprometimento sócio- emocional causado pelas anteriores experiências prejudiciais (Barone & Lionetti, 2012), vinculação esta associada a uma alegria e exploração eficaz do meio na presença do cuidador e busca de conforto no mesmo (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 2014). Assim, os estilos parentais e práticas educativas constituem indicadores de relevo da qualidade da parentalidade adotiva, dado o impacto que têm nos filhos e no modo como estes se vinculam aos novos pais (Steele, Hodges, Kaniuk, & Steele, 2010). Os resultados de um estudo empírico transversal, com metodologia quantitativa, realizado por Harkins (2014) permitiram compreender melhor essa temática. O estudo teve como objetivo identificar e compreender quais os fatores que podem estar associados ao aumento da probabilidade de sucesso da adoção e quais poderão ser aqueles que são mais propensos a criar barreiras. Utilizando uma amostra de 113 pais adotivos, a autora concluiu que não apenas a ansiedade está associada negativamente ao sucesso da adoção, como o estilo parental que o prediz mais eficazmente é o estilo autoritativo.

Outro estudo empírico (Clark, Thigpen & Yates, 2006), este, porém, de cariz qualitativo, focou-se na identificação de sistemas de crenças que possam facilitar o processo de criação de uma unidade familiar adotiva bem-sucedida com um filho adotado mais tardiamente, descrevendo ainda o modo como aquele ocorre. O estudo utilizou 11 pais adotivos e, com base em entrevistas semi-estruturadas, os autores identificaram temas recorrentes ao nível das crenças e valores, bem como ao nível da filosofia de parentalidade. A análise revelou semelhanças acentuadas nos sistemas de crenças das famílias, sendo que os temas mais predominantes foram o forte amor pelas

crianças e a crença no seu direito de serem cuidadas, protegidas e amadas. Para além disso, os pais declararam acreditar em altos níveis de controlo e orientação, comunicação e cuidado.

Estes resultados parecem coerentes com um estilo parental autoritativo caracterizado por níveis elevados de controlo e afeto, sendo que pais que o apresentam tendem a ser firmes, porém calorosos, exigindo o cumprimento de regras mas explicando o racional por trás das mesmas (Baumrind, 1971). Saliente-se, ainda, de acordo com a Teoria dos Padrões Comunicacionais Familiares, a associação do estilo parental autoritativo à tipologia familiar consensual, caracterizada por níveis elevados de diálogo (Isaacs e Koerner, 2008). Também face a esta temática a investigação se mostra consistente e os autores unânimes, sendo que é dado grande ênfase à importância do diálogo nas famílias adotivas. As famílias adotivas são percebidas, tanto do ponto de vista dos pais adotivos como dos adolescentes, como mais emocionais, mais comunicativas e indutivas e menos críticas e indulgentes, quando comparadas com as famílias biológicas. A comunicação e aceitação surgem então como estratégia de socialização das famílias adotivas (Muñoz, Rebollo, Fernández-Molina & Morán, 2007). A literatura científica é, pois, unânime quanto à importância do diálogo, afeto e disciplina na parentalidade em geral, e, naturalmente, na parentalidade adotiva (Hughes, 1999; Rueter & Koerner, 2008; Tirella, Tickle-Degnen & Bedell, 2012).

Ainda que, como referido anteriormente, a comunicação entre pais e filhos seja de extrema importância no contexto da adoção, também a qualidade da relação intra-casal - inevitavelmente apreendida pelos filhos através do comportamento/comunicação dos pais -, é essencial para o seu ajustamento. Um estudo transversal de cariz quantitativo, levado a cabo por Amato e Cheadle (2008), focou-se na ligação entre o conflito conjugal, o divórcio e os problemas comportamentais das crianças adotadas e não adotadas, concluindo que o conflito conjugal e o divórcio aumentam o risco de problemas comportamentais na criança, não havendo diferenças significativas entre crianças adotadas e não adotadas. Um estudo mais recente (Goldberg & Smith, 2013), focando-se exclusivamente no contexto da adoção e explorando os contextos pré e pós adotivos no ajustamento da criança, chegou a resultados consistentes com o estudo anterior: pais que reportaram mais conflito na sua relação conjugal relataram também mais sintomas de externalização no filho. Para além disso, uma maior estabilidade na relação conjugal, associada ao diálogo entre casal e decisões tomadas em conjunto,

contribuiu para níveis reduzidos de *stress* em pais adotivos, quando comparados com pais biológicos. Tais indicadores tornam-se particularmente positivos, uma vez que os níveis de *stress* dos pais estão positivamente associados a problemas de comportamento nos filhos, contribuindo assim para que estes aumentem. Desta forma, qualidade da relação conjugal mostra-se determinante no ajustamento das crianças e jovens adotados (Howat-Rodrigues, 2013).

A identidade consiste na autodefinição, o conjunto de características através das quais um indivíduo se define a si próprio, e na heterodefinição, o modo como o indivíduo é definido pelos outros num contexto histórico e social particular. Diz ainda respeito ao sentido subjetivo de coerência na personalidade, isto é, o modo como os diferentes aspetos da personalidade de um indivíduo se reúnem, conferindo-lhe sentido e singularidade. Por último, a identidade relaciona-se com o sentido de continuidade, ligando o passado, presente futuro ao longo do espaço e tempo, atravessando e unindo múltiplos contextos e relações. A identidade interliga a personalidade, consciência subjetiva, os relacionamentos e o contexto externo. Deste modo, a essência da identidade é *o self* em contexto (McAdams, 2001). No caso da adoção, a identidade adotiva diz respeito ao modo como cada um constrói o significado da sua adoção. Segundo Grotevant, Dunbar, Kohler, e Esau (2000), a identidade adotiva deverá ser entendida como envolvendo três níveis: uma componente interna, uma componente envolvendo as relações familiares e uma relativa ao mundo social fora da família. Deste modo, a questão da revelação e comunicação acerca da adoção é fulcral para o desenvolvimento da criança (Wrobel, Kohler, Grotevant, & McRoy, 2003). A revelação da situação de adoção ao filho, bem como as conversas acerca da adoção constituem uma tarefa de desenvolvimento específica das famílias adotivas, sendo essencial para a (re) construção da identidade dos filhos (Wrobel, Kohler, Grotevant, & McRoy, 2003). Quando as crianças sabem que são adotadas podem surgir dúvidas acerca da sua história, do seu passado, de como era a sua vida e dos motivos que levaram à adoção.

Um estudo empírico de Von Korff e Grotevant (2011) com 184 famílias adotivas com filhos adolescentes ou no início da idade adulta mostrou que o diálogo sobre a história da adoção constitui uma condição necessária e indispensável para a construção de uma identidade coerente, trazendo tranquilidade e segurança aos jovens adotados. Focando ainda a questão do diálogo acerca da história da adoção, um outro estudo (Kranstuber & Kellas, 2011), pretendeu examinar os temas emergentes de narrativas

sobre a adoção, determinando o impacto do conteúdo da história sobre a adoção no autoconceito do adotado. Os autores colocaram uma questão aberta *online* em que os participantes tinham a oportunidade de escrever a sua narrativa, referir o que a adoção significava, o modo como lhes foi explicado que eram adotados e como foram acolhidos na família adotiva. Foi também avaliada a autoestima dos participantes através da Rosenberg's Self-Esteem Scale (RSES), tendo sido verificado que o modo como a história de adoção é transmitida ao adotado tem efeitos na sua autoestima: os participantes cuja história transmitida se focava mais na rejeição por parte dos pais biológicos apresentaram níveis inferiores de autoestima; por outro lado, níveis superiores de autoestima foram apresentados pelos participantes cujas histórias se focavam mais no facto de serem especiais e terem sido escolhidos pelos pais adotivos.

Num estudo qualitativo sobre revelação e comunicação entre pais e filhos relativamente à situação de adoção (Wydra, O'Brien, & Merson, 2012), os autores entrevistaram 18 adultos adotados na infância, tendo constatado que a maioria sabia, desde sempre, da sua condição de adoção. Os resultados apontaram para um domínio de sentimentos positivos relativamente à “aprendizagem” sobre a sua história, o que parecia estar associado a um diálogo aberto com os pais acerca da adoção. Os participantes que relataram insatisfação com a revelação da sua condição de adoção reportaram que os pais se sentiam desconfortáveis com a discussão sobre o tópico, acabando por esconder informação dos filhos. Muitos pais experienciam ansiedade e incerteza relativamente ao modo como deverão discutir a adoção com os seus filhos (Alexander, Hollingsworth, Dore, & Hoopes, 2004), sendo que, frequentemente, as famílias não atingem o nível de abertura na comunicação recomendado pelos profissionais (Harrigan, 2010).

Em suma, o que a investigação científica nos tem mostrado salienta, para o eficaz ajustamento dos filhos adotivos, a importância de um conjunto de fatores associados à comunicação no contexto da família nuclear. Em primeiro lugar, a qualidade das relações pais-filhos, pautadas por diálogo, afeto, controlo e orientação, constitui-se enquanto fator de proteção para a superação de dificuldades e desenvolvimento harmonioso da criança ou jovem (Clark, Thigpen & Yates, 2006; Muñoz, Rebollo, Fernández-Molina & Morán, 2007). Também a comunicação intra-casal ganha relevo no contexto do ajustamento das crianças e jovens adotados, uma vez que o conflito conjugal e divórcio foram positivamente associados a sintomas de externalização no

filho (Goldberg & Smith, 2013), estando o diálogo e estabilidade na relação de casal associados positivamente a menores níveis de *stress* parental que, por sua vez, reduzem a incidência de problemas comportamentais no filho (Howat-Rodrigues, 2013). Por fim, ainda ligada ao ajustamento eficaz dos filhos adotivos, surge a comunicação sobre a história de adoção, uma vez que promove, em primeiro lugar, a construção de uma identidade coerente da criança, contribuindo para que esta se sinta tranquila e segura (Von Korff e Grotevant, 2011); e, em segundo lugar, associa-se ao diálogo entre pais e filhos contribuindo para um clima de abertura e partilha na família (Wydra, O'Brien, & Merson, 2012).

Face ao *stress* recorrente das situações intra-familiares, os pais adotivos parecem procurar apoio no exterior, sendo esta uma das principais estratégias utilizadas para lidar com as problemáticas associadas ao filho (Bejenaru & Roth, 2012). Desta forma, torna-se também imperativo o aprofundamento das influências do meso-exossistema, no sentido de compreender o modo como se processa a interação da família adotiva com os contextos nele inseridos.

Janelas da comunicação em famílias adotivas – Olhar sobre o meso-exossistema

Os problemas comportamentais apresentados pelas crianças e jovens adotados surgem em dois contextos preferenciais. O primeiro, abordado anteriormente, centra-se no microssistema, nomeadamente em casa, junto dos pais. E se é certo que os problemas comportamentais têm grande expressão neste contexto, a literatura mostra-nos que, também na escola, as crianças e jovens revelam muitos problemas, sendo que as crianças adotadas os apresentam mais do que os seus colegas não adotados (Sánchez-Sandoval, & Palacios, 2012). Diversos estudos documentam que o peso baixo ao nascer, desnutrição pré-natal, ou exposição do feto ao álcool têm efeitos nefastos no desenvolvimento cognitivo (Sayal, 2014; Han et al., 2015; Polanska, Jurewicz & Hanke, 2015). Desta forma, somando a estas consequências negativas os efeitos perniciosos da institucionalização, acima descritos, legitima-se a reflexão acerca do rendimento escolar das crianças adotadas. Uma investigação realizada por (Limiñana & Martínez, 2012), com o objetivo de avaliar as dificuldades das crianças adotadas após a chegada à nova família concluiu que, de facto, as crianças adotadas têm dificuldades em diversas áreas, entre as quais se inclui o rendimento escolar. As maiores dificuldades surgem ao nível da deficiente pronúncia das palavras, falta de léxico, ansiedade e nervosismo perante

tarefas escolares, que, em conjunto, resultam no atraso escolar (repetição de um ou mais anos). O estudo demonstrou, ainda, que existe uma relação direta entre as dificuldades e as suas experiências prévias à adoção: quanto mais tarde as crianças chegam às instituições, mais tempo passam institucionalizadas e mais velhas são adotadas, maior é a resistência à resolução dos seus problemas.

Um estudo empírico realizado por Raaska et.al, (2012) com 364 crianças adotadas na Finlândia, concluiu que, devido aos maus-tratos prévios à adoção, as crianças adotadas estão mais suscetíveis à vitimização, sendo também mais provável que intimidem os outros, ainda que o ambiente na família atual possa ser seguro e adequado. Neste estudo, dos participantes adotados, 19,8 % relataram ter sofrido *bullying* por parte dos pares pelo menos 2 a 3 vezes por mês, enquanto 8% terão intimidado outros. Desta forma, em contexto escolar, as crianças e jovens adotados revelam ainda maior incidência em problemáticas como a agressividade física e psicológica face aos pares, sendo de destacar, também, a conduta sexual inadequada com outras crianças e o não cumprimento das regras da sala de aula e recreio (Limiñana & Martínez, 2012).

Assim, tais resultados focam a importância das escolas e seus profissionais no apoio às situações de adoção. Numa investigação qualitativa realizada por Lancaster e Constantin, (2014), com o objetivo de explorar as experiências das famílias adotivas nas escolas, foram realizadas entrevistas a mães de crianças adotadas acerca do ajustamento escolar da criança e dos desafios parentais na relação com o pessoal docente e não-docente. Os resultados obtidos revelaram como tema emergente nas narrativas destas mães, a grande falta de apoio estrutural. Por exemplo, as mães referiram a falta de programas de apoio específico para crianças adotadas com uma história de vida frequentemente catalisadora de problemas comportamentais, emocionais, sociais e cognitivos.

Se, como referido anteriormente, a escola se constitui enquanto importante fonte de apoio às situações de adoção, não podemos esquecer a influência da restante rede social, particularmente, o suporte social prestado pela família alargada, amigos, técnicos e comunidade. Romera Leme, Perreira Del Prette e Coimbra (2015) constataram o forte poder preditivo da perceção de apoio social relativamente ao bem-estar psicológico dos adolescentes. O apoio social pode ser descrito como sendo constituído pelas interações através das quais o indivíduo ou grupo fornece recursos diretamente aos outros, como

informação, conselhos ou assistência instrumental, bem como validação, isto é, a noção de que é escutado e que os seus sentimentos, pensamentos e comportamentos são valorizados (Bates & Toro, 1999).

No que concerne à situação de adoção, um estudo por Burns e Burns (2010) concluiu que muitos pais adotivos se debatem com a decisão de procurar apoio especializado, uma vez que, embora seja o apoio que mais desejam, temem que reportar alguma espécie de problema possa resultar numa investigação por parte de serviços de proteção das crianças. Estes pais temem, ainda, que um pedido de ajuda possa inviabilizar um possível novo processo de adoção, deixando a descoberto a crença de que os pais devem ser perfeitos e que admitir a necessidade de ajuda é admitir o fracasso na tarefa da parentalidade. Outro estudo (Forbes & Dziegielewski, 2003), realizado nos Estados Unidos, focou-se na procura de apoio por parte de mães adotivas de crianças com necessidades especiais. A maioria das mães que participaram neste estudo classificou os Serviços de Adoção como desafiantes, na medida em que sentiam que aos profissionais faltava conhecimento acerca da adoção, referindo ainda sentir que estes desvalorizavam os problemas das crianças adotadas, não reconhecendo a sua gravidade.

A família de origem e amigos constituem fontes essenciais de apoio para os pais adotivos, proporcionando, frequentemente, estratégias para os pais lidarem com os problemas decorrentes da situação de adoção (Rosnati, Ranieri, & Barni, 2013). Um estudo realizado por Lavner, Waterman e Peplau (2014) concluiu que, apesar de recorrerem maioritariamente aos Serviços de Adoção enquanto fontes de apoio social, os pais adotivos homossexuais e heterossexuais recorrem também aos membros da família, pais de outras crianças, amigos e psicólogos para obter o apoio supracitado. Os pais adotivos referem especificamente o apoio de indivíduos que já tenham passado ou estejam a passar por um processo de adoção, referindo que sentem que são as únicas pessoas que poderão realmente compreender as suas dificuldades no percurso da parentalidade adotiva (Laughery, 2013).

Janelas da comunicação em famílias adotivas – Olhar sobre o macrossistema

Ainda que os laços biológicos não sejam suficientes para “fazer” uma família, a investigação demonstra que a grande maioria das pessoas define uma família como

sendo o núcleo familiar composto por um casal heterossexual, com os seus filhos biológicos (Andersen, 1991 cit. por Wegar, K. 2000). Ao longo da história, esta crença trouxe consequências negativas para famílias não-normativas, como é o caso das famílias adotivas, que, por vezes, acabam por ser vistas como não-normais e patogénicas (Bernardes, 1985). Com efeito, um estudo realizado em Espanha por Rodríguez-Jaume e Ruiz (2015) concluiu, com base numa amostra de 230 mães e pais adotivos, que a maioria dos participantes perceciona o estigma social do qual a sua família é alvo, uma vez que a sociedade a considera uma configuração menos satisfatória do que aquela baseada em laços biológicos. Mais ainda, a sociedade parece identificar o laço biológico como pré-requisito para uma autêntica união e relação filial. As emoções experimentadas no contexto da parentalidade adotiva são percecionados como piores ou menos reais do que os manifestados nas famílias biológicas (Miall, 1987). A investigação demonstra, ainda, a crença associada à adoção como sendo o último recurso face à impossibilidade de conceber um filho biológico (Miall, 1986).

Desta forma, a posição dos pais relativamente a contar de imediato ou esconder aos amigos e família alargada a sua decisão de adotar é, muitas vezes, influenciada pelo medo de rejeição por parte da sociedade em geral, devido ao estigma associado a esta situação. O mesmo pode acontecer relativamente à comunicação existente acerca da adoção, ou seja, o medo de rejeição por parte da criança ou o medo que a criança possa ser tratada de forma diferente na escola ou na sociedade em geral, podem fazer com que os pais optem por não abordar o tema em casa (Miall, 1987).

Partindo do pressuposto de que todo o comportamento assume um valor de comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1967), e reconhecendo, pois, a sua centralidade nos processos familiares, e nas interpretações e vivências dos mesmos (Watzlawick & Jackson, 2010), pretendemos, no presente estudo, compreender, através de narrativas de pais adotivos sobre o comportamento/comunicação familiar, processos relacionais familiares, bem como significações atribuídas ao comportamento dos filhos e às relações com outros sistemas.

II. PROCESSO METODOLÓGICO

Enquadramento Metodológico

O presente estudo enforma um desenho metodológico de cariz qualitativo¹. A investigação qualitativa é preferencialmente aplicável quando os investigadores estão primeiramente interessados no processo, mais do que nos resultados, uma vez que o foco está essencialmente no significado que as pessoas atribuem às suas experiências de vida. Ao contrário da investigação quantitativa, na abordagem qualitativa, o investigador é o instrumento primário para a recolha e análise dos dados, isto é, os dados são mediados por este instrumento humano, e não através de inventários, questionários ou máquinas (Atieno, 2009). Por este mesmo motivo, e tendo em conta que não existe nenhuma janela aberta para a vida interior das pessoas (qualquer olhar é filtrado pela linguagem, género, classe social, raça, etnia), o investigador torna-se a lente de toda a informação, vendo-se confrontado com o desafio de se situar no espaço e tempo em que se encontra, sabendo gerir a diversidade e adotá-la como ponto de partida do seu projeto de investigação (Aires, 2011). Nesta modalidade de pesquisa, é possível ao investigador interagir com cada participante, explorando os seus processos e as suas vivências, motivo pelo qual não é necessário ter um grande número de participantes, optando-se pela profundidade e não pela amplitude (Cezar-Ferreira, 2004).

Cumpre, ainda, referir que o presente estudo se enquadra num paradigma construcionista. Este paradigma é caracterizado pela crença de que não existe apenas uma verdade que possa ser revelada através da utilização de uma metodologia correta. Tal ganha especial relevo nas ciências sociais, em que o investigador e o sujeito de investigação são ambos seres conscientes, que interpretam e agem sobre o meio que os rodeia. Desta forma, segundo este paradigma, o conhecimento é dependente da situação e contexto. Assim, a perspetiva construcionista reitera que os resultados irão variar consoante o contexto em que a informação foi recolhida e analisada (Madill, Jordan, & Shirley, 2000). O conhecimento obtido através deste paradigma será sempre subjetivo e transacional, significando que este conhecimento resulta da interação de quem investiga

¹ Este estudo enquadra-se numa investigação de doutoramento mais ampla sobre famílias adotivas e bem-estar emocional e ajustamento psicológico das crianças, presentemente a ser desenvolvida na FPUL, pela Dra. Marta Nunes, e coordenada pelas Professoras Isabel Narciso e Salomé Vieira Santos. Tal investigação foi aprovada pela Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

com o que é investigado, não sendo possível existir percepção da realidade que não seja influenciada pela subjetividade (Cezar-Ferreira, 2004).

Desenho da Investigação

Questão Inicial, Objetivos e Questões de Investigação

Esta investigação – de carácter qualitativo e exploratório – tem como objeto de estudo as famílias adotivas, e parte das seguintes questões iniciais:

O que revela a interação em famílias adotivas sobre processos relacionais intra-familiares? Que leituras interpretativas fazem os pais do comportamento dos filhos? Como são qualificadas as relações com outros sistemas?

Estas questões têm como eixo central de análise a comunicação familiar, já que, partindo do pressuposto de que todo o comportamento é comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1967), remetem para a observação (indireta, já que mediatizada pelas narrativas parentais) de processos interativos familiares, e para a interpretação dos pais relativamente às mensagens intrínsecas aos comportamentos intra e extra-familiares e lhes atribuem um sentido (Watzlawick & Jackson, 2010). As questões iniciais conduziram-nos, pois, para a definição do objetivo geral do presente estudo - compreender, através de narrativas de pais adotivos sobre o comportamento/comunicação na família, processos relacionais familiares, e significações atribuídas ao comportamento dos filhos e às relações com outros sistemas.

Considerando o objetivo geral, colocámos as seguintes questões de investigação:

- 1) Ao nível do microssistema familiar, que temáticas emergem como mais relevantes nas narrativas dos pais?
- 2) Ao nível do microssistema familiar, que processos relacionais emergem como mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a interação pais-filhos?
- 3) Ao nível do microssistema familiar, que processos relacionais emergem como mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a díade conjugal?

- 4) Ao nível do microssistema familiar, que significações positivas e negativas emergem como mais relevantes nas narrativas dos pais sobre o comportamento dos filhos?
- 5) Ao nível do meso-exossistema, que significações positivas e negativas emergem como mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a relação com outros sistemas?

Estratégia Metodológica

Amostra e Procedimentos de Recolha

Seleção da Amostra

No presente estudo, foi utilizado um recorte da amostra da segunda fase de investigação de doutoramento supracitada, tendo sido selecionados apenas casais parentais (e não singulares adotivos nem pais que atualmente se encontravam separados ou divorciados) com filhos (entre os 6 e os 12 anos) unicamente adotivos integrados na família há dois ou mais anos, e residentes em Portugal. A equipa de investigação de doutoramento recorreu a amostras de conveniência, através:

- da estratégia de bola-de-neve, solicitando-se a participação voluntária num estudo *online* sobre adoção através das redes informais de contacto dos investigadores. Na plataforma *Qualtrics*, foi colocado o protocolo de instrumentos quantitativos acompanhado de uma carta informativa sobre os objetivos e condições da investigação, e de um convite para a participação voluntária e gratuita, garantindo o anonimato e confidencialidades dos dados. Era também prestada informação sobre a possibilidade de voltarem a participar numa segunda fase de investigação, através de uma entrevista e de uma segunda aplicação do protocolo da primeira fase. Neste sentido, e caso desajassem participar na segunda fase, solicitava-se que deixassem indicação sobre o modo como poderiam ser contactados na segunda fase da investigação;
- de instituições nacionais responsáveis pela adoção. Tais instituições enviavam por correio o protocolo de investigação às famílias que constavam nas suas bases de dados, o qual era acompanhado da carta-convite informativa supracitada e de um documento de consentimento informado. Era igualmente

enviado um envelope RSF que permitia às famílias devolverem o protocolo preenchido ou por preencher.

As famílias que participaram na primeira fase e se mostraram disponíveis para a colaboração na segunda fase, foram posteriormente contactadas para a participação na entrevista, sendo informados sobre os objetivos, procedimentos e condições da entrevista (duração², realização preferencial em casal³, gravação áudio, anonimato e confidencialidade dos dados). Assim que era verificada a sua disponibilidade, agendava-se a data e o local para realização da entrevista, podendo esta decorrer, respeitando-se a preferência dos participantes, no seu domicílio ou na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. As entrevistas foram realizadas pelas investigadoras da equipa de investigação.

Caraterização da amostra

No presente estudo, a amostra de pais adotivos incluiu 17 participantes casados ou em união de facto, 9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino (correspondendo, respetivamente a 53% e 47% da amostra). Do total de 17 participantes, tal como supracitado, 8 eram casais, e 1 era um indivíduo casado. A média de idades das participantes do sexo feminino foi de 43 anos, com desvio padrão correspondente a 3 anos, e a dos participantes do sexo masculino de 42 anos, com desvio padrão correspondente a 4 anos. No que diz respeito à escolaridade global, três participantes frequentaram 10 a 12 anos de escolaridade (18%); 13 participantes concluíram o Ensino Superior (76%), sendo que dois destes tinham estudos pós-graduados; um participante possuía um Bacharelato (6%). Relativamente ao nível socioeconómico, cinco participantes situavam-se num nível socioeconómico médio alto (29%), e 12 participantes num nível socioeconómico alto (71%). Relativamente à situação relacional, dois participantes estavam em união de facto (12%), e 15 participantes eram casados (88%). No que se refere à situação geográfica, 12 participantes residiam no Centro Sul (70%), 3 no Norte (18%) e 2 no Centro Norte (12%). No que concerne aos filhos adotivos dos participantes, 10 participantes tinham um filho (59%) e 7 tinham dois filhos (41%) (todos eles adotivos). A idade dos filhos adotivos à data do

² As entrevistas tinham uma duração de aproximadamente 90 minutos.

³ Por motivos circunstanciais relativos a alguns casais, na amostra do presente estudo, foram realizadas 3 entrevistas individuais, sendo que 2 destes participantes constituíam um casal, e 1 participante deu a entrevista em representação do casal.

preenchimento do questionário sociodemográfico variava entre os 6 e os 12 anos, sendo que a idade média foi de 9 anos, com desvio padrão correspondente a 2 anos. No que diz respeito à idade à data da adoção, a idade dos filhos variou entre os 9 meses e 8 anos de idade, sendo que a idade média foi de 4 anos, com desvio padrão correspondente a 3 anos. Relativamente ao sexo dos filhos, 6 crianças eram do sexo feminino (35%) e 11 do sexo masculino (65%).

Instrumentos Utilizados

Questionário Sociodemográfico⁴

Foi utilizado um questionário composto por questões tais como sexo, idade, escolaridade, profissão, zona de residência habitual, estado civil, agregado familiar, situação relacional, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, religiosidade, e número de filhos.

Entrevista Semiestruturada⁵

As entrevistas semiestruturadas permitem ao investigador guiar-se por um conjunto de questões relativas a temáticas previamente definidas. Ao mesmo tempo, permitem a introdução e exploração de temáticas adicionadas em função dos dados que se obtêm à medida que as entrevistas vão decorrendo. Tal permite atingir os objetivos delineados inicialmente, mas também aprofundar outros conteúdos e significados com valor para o participante em questão (Boni & Quaresma, 2005).

Para a presente investigação, foi utilizado um guião de entrevista semiestruturada dividido por 9 blocos temáticos, designadamente: Significações sobre qualidade parental; Narrativas sobre o processo de adoção; Narrativas sobre o filho - *“Tenho aqui esta moldura vazia. Imaginem que, nesta moldura, teriam de colocar uma fotografia que desse, imediatamente, uma ideia de como é, atualmente, o vosso filho. Como seria essa fotografia?”*- Narrativas sobre o percurso de parentalidade; *Stress e coping* - *“Falem-nos um pouco desse stress parental, aliás, comum a todos os pais: como se manifesta esse stress, o impacto em cada um de vós, individualmente, no casal, na relação com o filho (ou com outros filhos), entre os irmãos.”*; Práticas educativas -

⁴ Dado que o estudo está, atualmente, em curso, não se apresenta o questionário em anexo

⁵ Dado que o estudo está, atualmente, em curso, não se apresenta o guião em anexo

“Queremos pedir-vos que pensem e decidam quais os aspetos que consideram essenciais na educação dos filhos”; Rituais; Revelação- “O vosso filho sabe que foi adotado? Como soube? Como lhe contaram? Quando? Em que situação?”; Comunicação sobre adoção - “Costumam conversar com o vosso filho sobre a sua situação de adotado?”.

Procedimento de Análise de Dados

Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se a uma leitura integral de cada entrevista, sendo selecionados para a análise qualitativa apenas as respostas que cumpriam os seguintes critérios:

- relato de situações interativas⁶
- relato de situações em que um determinado comportamento é acompanhado de uma interpretação explícita sobre este⁷.

No presente estudo, foi efetuada uma análise temática dos dados - com recurso ao *software QSR NVIVO* (versão 10) -, a qual ocorre em seis etapas, e não necessariamente de uma forma sistematicamente linear (Braun & Clarke, 2006), as quais se podem enquadrar em três tipos de codificação (Fernandes & Maia, 2001):

Codificação Aberta - consiste em questionar os dados e compará-los e comparações, o que suscita a emergência de categorias através de uma análise de semelhanças e diferenças (entre as várias categorias que incluem determinados dados e não outros).

- *familiarização com os dados*: corresponde às transcrições e primeiras leituras das entrevistas, e registo de ideias sobre nomeação para possíveis categorias emergentes;
- *nomeação de categorias iniciais*: criação de categorias que emergem a partir dos dados.

⁶ Exemplo: *“Eles... Podem jogar ao fim de semana, mas agora o V teve notas menos boas na escola, o próximo período não vai haver nada disso “E vai até haver muitas situações em que o mano vai poder participar, mas tu não vais participar porque vais ter que investir mais no teu trabalho”, explicar a ele isso e depois cumprir.”*

⁷ Exemplo: *“M: ... Porque para ela dá-lhe mais tranquilidade, é sobretudo isso, mais paz, mais serenidade.”*

Codificação Axial – reorganização dos dados já categorizados, considerando as ligações entre as categorias. Note-se que a codificação aberta e axial não são necessariamente lineares, podendo ocorrer de uma forma circular.

- *procura de temas*: depois da primeira codificação dos dados, efetua-se uma segunda codificação destes em temas mais amplos, podendo incluir-se em mais do que um tema;
- *revisão dos temas*: todos os excertos encontrados para cada tema são alvo de uma segunda leitura, garantindo um padrão coerente. Esta segunda leitura permite também avaliar a validade dos temas face ao conjunto de dados;
- *definição e nomeação dos temas* – aperfeiçoar a definição e nomeação dos temas, considerando a significação central de cada um.

Codificação Seletiva - correspondente à análise reflexiva integrativa do fenómeno central do estudo.

- *elaboração do relatório sobre os resultados* – análise reflexiva integrativa que inclui de uma forma articulada as questões de investigação e revisão de literatura, a descrição dos resultados e excertos das entrevistas que ilustrem os temas.

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos com base na análise das entrevistas semi-estruturadas realizadas aos pais adotivos, tendo como orientação estrutural as questões de investigação previamente colocadas. Pretende-se, à medida que se apresentam os resultados, realizar a sua discussão dos resultados, interpretando-os e integrando-os na literatura existente.

Apresentação e análise parcelar

Janela para o microssistema familiar - temáticas mais relevantes

Nas narrativas parentais, emergiram como mais relevantes⁸ as seguintes temáticas: Processos de afetividade-hostilidade na relação pais-filhos; Processos relativos à regulação do comportamento, mais precisamente imposição de regras e orientações; Comunicação sobre a situação de adoção; Padrões de Comunicação; Processos relativos à Conjugalidade; e Forças/Competências e Fragilidades/Dificuldades dos filhos. A emergência destas temáticas como mais relevantes parece coerente com a literatura empírica existente (Wrobel, Kohler, Grotevant, & McRoy, 2003; Clark, Thigpen & Yates, 2006; Muñoz, Rebollo, Fernández-Molina & Morán, 2007; Amato & Cheadle, 2008; Limiñana & Martínez, 2012; Harkins, 2014).

⁸ Sempre que uma categoria foi referida por metade ou mais de metade das fontes (ou seja, em cinco ou mais entrevistas), é considerada como muito relevante.

Janela para o microssistema familiar - processos relacionais mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a interação pais-filhos

Ao nível do microssistema familiar, relativamente aos processos relacionais que emergiram como mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a interação com os filhos, os resultados encontram-se representados graficamente na Figura 1.

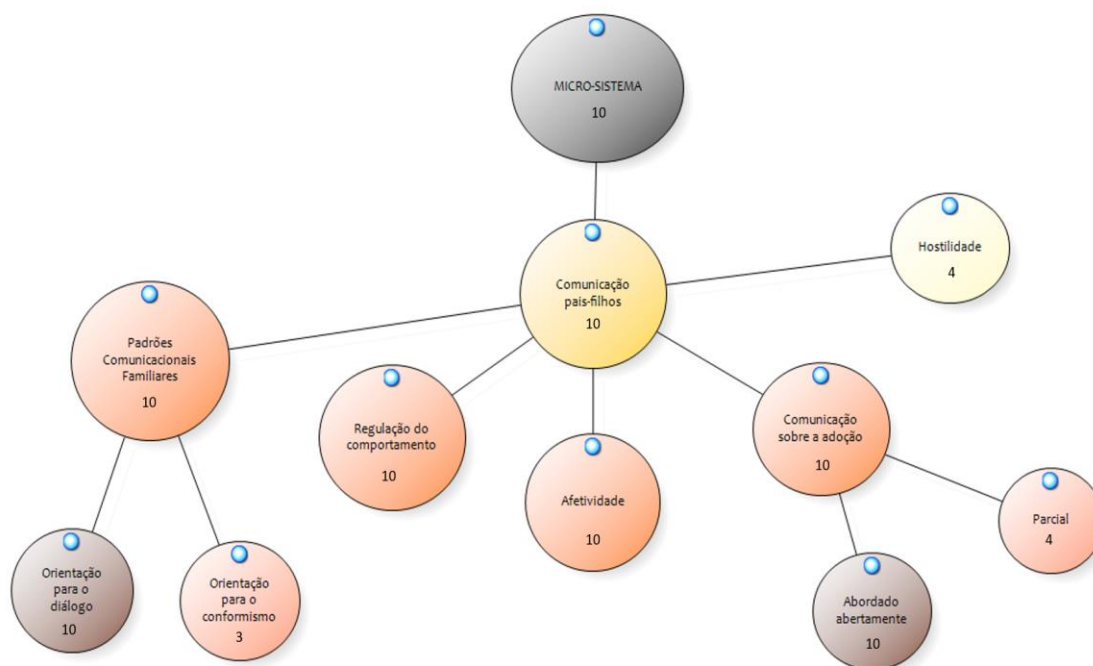


Figura 1- Processos relacionais na interação pais-filhos

Nas narrativas parentais acerca da interação com os filhos, emergiram, em todas as famílias, referências associadas aos Padrões Comunicacionais Familiares. Os dados parecem, pois, indicar uma predominância da orientação para o diálogo, consistente com a literatura, que descreve as famílias adotivas como mais comunicativas, enfatizando a importância e predominância do diálogo nas relações entre pais e filhos em situação de adoção (Muñoz, Rebollo, Fernández-Molina & Morán, 2007). Já no que diz respeito à Orientação para o Conformismo, apenas 3 famílias revelaram a preocupação com o modo de atuação do filho ser diferente do seu, associado a uma preocupação com o cumprimento das regras, estipuladas para o bem-estar e ajustamento da criança. A importância do diálogo na interação com os filhos parece, pois, ser evidente em todas as famílias, surgindo sobretudo associado a duas outras categorias emergentes:

Na primeira, Regulação do Comportamento - *“Eles... Podem jogar ao fim de semana, mas agora o V teve notas menos boas na escola, o próximo período não vai haver nada disso «E vai até haver muitas situações em que o mano vai poder participar, mas tu não vais participar porque vais ter que investir mais no teu trabalho», explicar a ele isso e depois cumprir.”* (P4; 39; m12-m9)⁹ - Os pais adotivos associaram o diálogo às regras e orientações impostas, enquanto modo de as clarificar e explicar o motivo por trás das mesmas. Tal mostra-se consistente com os resultados de estudos anteriores que demonstram a importância que os pais adotivos atribuem à comunicação e orientação face aos filhos (Clark, Thigpen & Yates, 2006).

A segunda categoria em que a Orientação para o Diálogo também surgiu associada foi a Comunicação sobre a Adoção, referida pela totalidade das fontes¹⁰. As famílias revelaram uma preocupação com a abertura no diálogo com o filho acerca da sua história de adoção, referindo, por diversas vezes, que os Serviços de Adoção os terão alertado para a importância deste diálogo- *“Durante todo o processo, fomos aconselhados pela Y¹¹, até pela equipa de adoção, de que não se deve esconder a história de vida da criança |M: a gente nunca esconderia isso|”* (P1-M1; 37-37; f11-f8). Os pais adotivos revelaram grande compreensão face às dúvidas e curiosidades dos filhos adotivos, por considerarem importante que estes se sintam seguros e tranquilos - *“A FV tem uma curiosidade que eu percebo muito bem que é, sobre a progenitora e é sobre o aspeto visual dela. E isso... e eu percebo isto (...) a gente diz «ela tem uma pele espetacular, os teus caracóis»”* (M1; 37; f11-f8). Estes resultados sublinham a importância da comunicação sobre a história da adoção para a construção da identidade adotiva (Wrobel, Kohler, Grotevant, & McRoy, 2003), reforçando o efeito de tranquilidade que promove nas crianças e jovens adotados (Von Korff & Grotevant, 2011) – *“Porque para ela dá-lhe mais tranquilidade, é sobretudo isso, mais paz, mais serenidade.”* (M10; 45; f-10). Os pais adotivos mostraram-se também disponíveis para esclarecer e acompanhar a criança, ao longo do seu percurso, na tentativa de conhecer o seu passado, chegando mesmo a disponibilizar-se para procurar a família biológica - *“E*

⁹ A seguir a cada excerto, apresenta-se entre parênteses, a informação sobre o emissor: Mãe ou Pai (M ou P); o número do casal parental; idade; e relativamente ao(s) filhos: sexo (m ou f) e idade. Exemplo: (P3; 49; m4). Quando o excerto se refere a dois emissores (Mãe e Pai), são apresentadas as informações de ambos, separadas por um hífen. Exemplo: (P3-M3; 49-46; m4). Quando têm mais do que um filho, são apresentadas as informações relativas aos dois filhos, separadas por um hífen. Exemplo: (M1; 45; f8-m5)

¹⁰ As fontes correspondem às entrevistas. Relembramos que 7 entrevistas foram efetuadas a casais, e 3 foram individuais. Destas 3, 2 entrevistas foram a pai e mãe do mesmo casal parental, e 1 foi a uma mãe em representação do casal.

¹¹ Por questões de confidencialidade, o nome da Instituição de adoção será sempre substituído por Y.

eu até já lhe perguntei «olha filha, quando fores mais velha e já fores mais madura, se quiseres mesmo procurar, a mãe vai contigo, vamos tentar saber, (...) se tu quiseres saber mais, a mãe vai contigo procurar» ” (M1; 37; f11-f8). A emergência destes temas revela-se também consistente com investigação anterior que associa um domínio de sentimentos positivos no indivíduo adotado relativamente ao conhecimento do seu passado (Wydra, O’Brien, & Merson, 2012). No diálogo sobre a história de adoção, os pais demonstraram-se compreensivos face ao ritmo e curiosidade da criança, sendo que revelaram abordar o tema adoção apenas quando este é iniciado pela criança- *“Eu não introduzo nunca o tema adoção, mas se eles... Se eles falam dele eu não começo a falar do tempo. Falo daquilo.” (M24; 41; f13-m10).* Note-se que, em 4 fontes, surgiram referências ao diálogo apenas parcial acerca da história de adoção do filho, isto é, alguns pais adotivos optaram por não abordar temáticas que pudessem causar demasiado sofrimento ao filho - *“Porque é assim, há coisas que (...) Não são benéficas para ele em termos de...desconforto sobre a história de vida (...) Algumas coisas são dolorosas demais. Portanto há coisas que eles não precisam de saber.” (M1; 37; f11-f8).* Esta opção era justificada pelo facto de preferirem esperar que os filhos atinjam uma maior maturidade e sejam capazes de compreender as temáticas mais dolorosas. Cumpre referir novamente que nenhuma das fontes optou por não conversar sobre a história de adoção com o filho. Esta preocupação mostra-se coerente com a investigação de Kranstuber e Kellas (2011), que associa níveis superiores de autoestima a indivíduos cujas histórias de adoção se focavam mais no facto de serem especiais e terem sido escolhidos pelos pais adotivos, do que naqueles cujas histórias focavam o abandono e maltrato.

Os relatos relativos à interação pais-filhos parecem também sublinhar a relevância, espelhando um clima de aceitação e carinho - *“Nós dizemos-lhes isso muitas vezes, (...) para eles acreditarem que é mesmo verdade e para se sentirem também amados, não é? Por nós... Porque eles também nos dizem a nós, eles também nos dizem |P: sim, dizem | a nós, muitas vezes «adoro-te, gosto muito de ti» ” (M4; 39; m12-m9) -,* o que é consistente com a literatura empírica que descreve as narrativas das famílias adotivas como recheadas de temáticas associadas com o amor e a crença no direito das crianças de serem cuidadas, protegidas e amadas (Clark, Thigpen & Yates, 2006).

Situações de hostilidade são referidas apenas por 4 fontes, correspondendo a momentos de *stress* decorrentes de mau-comportamento dos filhos, que levavam a

reações parentais mais hostis como, por exemplo, gritar com os filhos. Importa mencionar que, em todas as situações descritas, os pais referem explicitamente que tais situações poderiam ter sido resolvidas de outra forma, principalmente através do diálogo. O reconhecimento do diálogo enquanto importante estratégia de resolução de conflitos e imposição de regras, coerente com um estilo parental autoritativo (Baumrind, 1971), bem como o facto de estas famílias revelarem sobretudo afetividade nas situações interativas que relatam, parece indiciar que as situações de hostilidade constituem situações de exceção, demonstrando, assim, competências adequadas de resolução de problemas.

Em conjunto, os resultados relativos às situações de interação pais-filhos, demonstram-se consistentes com um estilo parental predominantemente autoritativo na amostra de pais adotivos. Consonantes com este estilo parental, os pais mostraram-se afetuosos e, simultaneamente, enfatizando a necessidade de controlo e firmeza, exigindo o cumprimento de regras mas explicavam o racional por trás das mesmas (Baumrind, 1971). Desta forma, os resultados indiciam uma parentalidade positiva, uma vez que este estilo parental está associado a ajustamento familiar eficaz em situação de adoção (Harkins, 2014).

Janela para o microssistema familiar - processos relacionais mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a díade conjugal

Relativamente aos processos relacionais que emergiram como mais relevantes nas narrativas dos pais sobre a díade conjugal, os resultados encontram-se apresentados graficamente na Figura 2.

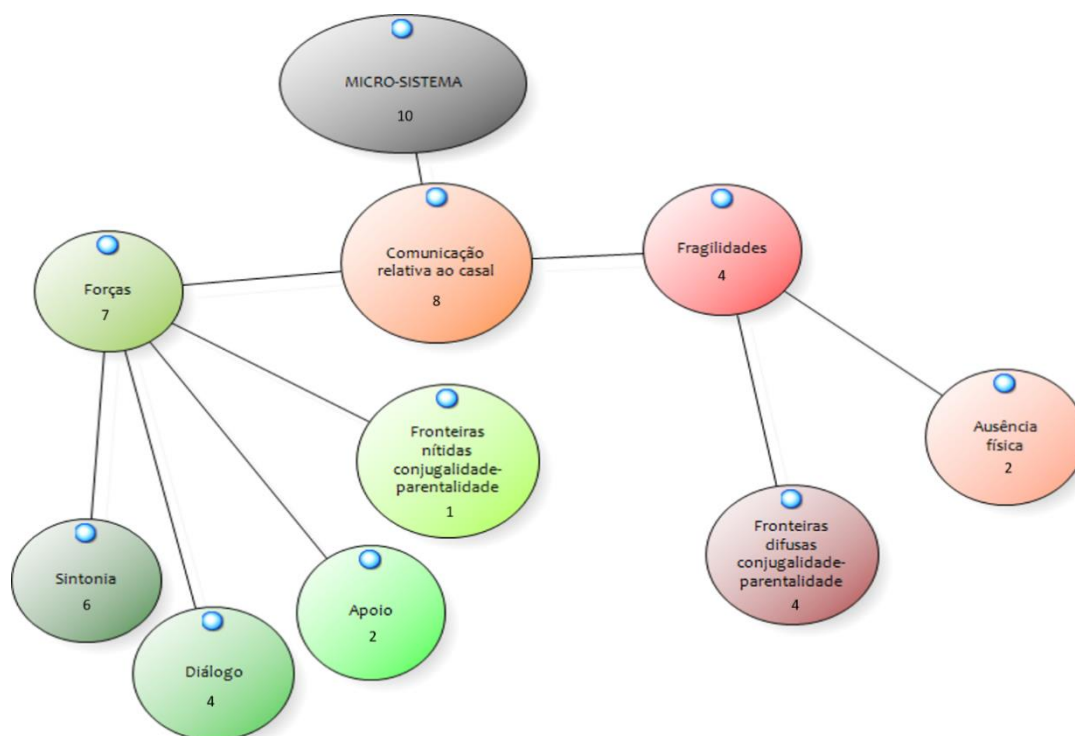


Figura 2- Processos relacionais na díade conjugal

Com base nos dados da Figura 2, constata-se que os pais adotivos associam tanto Forças como Fragilidades ao processo relacional na díade conjugal. No que diz respeito às Forças (referidas por 7 fontes), a Sintonia surgiu como categoria mais relevante (6 fontes), tendo sido associada à importância de o casal estar “*alinhado naquilo que quer (...)*” (P4; 39; m12-m9). Mais ainda, os pais adotivos salientaram que era fundamental não desautorizar o cônjuge em frente aos filhos - “*A M. (...) dá uma ordem, uma orientação e eu não posso ir contra essa orientação à frente deles...*” (P4; 39; m12-m9) -, tendo associado a este respeito pela decisão do outro a importância do diálogo entre casal. Assim, o Diálogo surgiu também enquanto força na relação conjugal, tendo sido referido por 4 fontes, e associado especificamente ao diálogo sobre a sua própria relação e acerca do filho, no sentido de resolver dificuldades e promover uma congruência na atuação dos pais. A importância atribuída à sintonia e diálogo no casal parece consistente com a literatura anterior que foca a estabilidade do casal, diálogo e decisões tomadas em conjunto enquanto fundamentais para o ajustamento das crianças e jovens adotados (Howat-Rodrigues, 2013). De facto, os pais adotivos enfatizaram a importância de dialogarem e, em conjunto, alinharem as orientações ao filho, tendo mostrado acreditar que apenas desta forma irão conseguir educar e reabilitar comportamentos da criança, como é o caso da mentira e manipulação - “*Tentando*

evitar o joguinho do pai e da mãe “Agora vou ao pai, depois amanhã vou à mãe, agora vou ao pai...” (...) mantemo-nos numa posição única, (...) Mas pronto, acho que essa tem sido talvez a estratégia. |E: Portanto é uma estratégia mais a nível de casal para afrontar estas situações...|Sim...” (P6; 45; m9). Coloca-se ainda a hipótese de a importância atribuída ao diálogo pelos pais adotivos estar associada ao próprio processo de adoção em casal que implica necessariamente diálogo e tomadas de decisão em conjunto, desde o início. Ainda no que diz respeito às Forças da comunicação conjugal, 2 fontes focaram o Apoio do cônjuge, tanto a nível emocional como em tarefas específicas, considerando-o para a redução do *stress*.

As Fronteiras entre os subsistemas Parental e Conjugal emergiram nas narrativas parentais, tendo sido associadas às Forças (1 fonte) ou Fragilidades (4 fontes) das relações conjugais consoante a nitidez destas fronteiras. De facto, os pais adotivos referiram a importância de proteger a relação conjugal, não a deixando deteriorar-se devido ao que acontece com o filho - *“Às vezes digo ao meu marido “Olha, eu não vou discutir contigo sobre isto, porque isto são coisas que os miúdos estão a deitar aqui para o meio para nós discutirmos”* (M3; 45; m12-f11) - e vice-versa, isto é, não permitir que a relação conjugal interfira negativamente com as crianças - *“Os adultos, a relação familiar entre marido e mulher... Acordámos que minimizaríamos todo o impacto nas crianças, não é? Não poderíamos hostilizar, não usar as crianças, não poderíamos afastar-nos, deixar de ser pontos de contacto”* (P22; 45; f13-m10). Com efeito, no que diz respeito especificamente às Fragilidades, os pais identificaram a sobreposição da parentalidade à conjugalidade - *“Eu vivia para ele. Eu vivi dois anos (...) para a alegria do que era ser mãe. E se calhar... Se calhar não, e descuidei um bocado a relação de casal. Ele absorveu-me por completo (...) E passei a viver para isso e isso aumentou o desgaste da relação.”* (M8; 44; m11) -, bem como o conflito conjugal e situações de potencial separação como extremamente prejudiciais para o filho- *“Há pouco tempo... Nós estivemos separados uns meses e depois reatámos (...) Foi uma coisa que teve impacto, em todos... Os miúdos sofreram com isso.”* (M24; 41; f13-m10). Estes resultados mostram-se consistentes com a literatura sobre o conflito conjugal e divórcio que os associam a um impacto negativo nas crianças adotadas (Amato & Cheadle, 2008; Goldberg & Smith, 2013).

Por fim, no que concerne à Ausência Física, esta pareceu associar-se ao conflito conjugal e desgaste na relação, nomeadamente devido à não participação na vida

familiar, que contribuiu para a diminuição da sintonia entre o casal, manifestamente importante para os pais adotivos, como vimos anteriormente- “*Uma das coisas que provocava também algum conflito entre nós é que o pai às vezes dizia «Ah eles para a semana têm testes, então se calhar vou perturbar, é melhor não ir». E eu não percebia aquilo, dizia “Não. Exatamente porque têm testes é que deves vir, podemos ser dois a ajudar (...) é que levei as coisas um bocado sozinha”* (M24; 41; f13-m10). Com efeito, mais uma vez foi reforçada a importância da presença, estabilidade e diálogo entre casal, para o bem-estar e ajustamento familiar (Howat-Rodrigues, 2013).

Janela para o microsistema familiar - significações positivas e negativas nas narrativas dos pais sobre o comportamento dos filhos

Ao nível do microsistema familiar, face aos comportamentos dos filhos, surgiram significações negativas e positivas nas narrativas parentais. No que diz respeito às significações negativas que emergiram como mais relevantes, estas foram associadas a Fragilidades e Dificuldades, encontrando-se as Fragilidades representadas na graficamente na Figura 3.

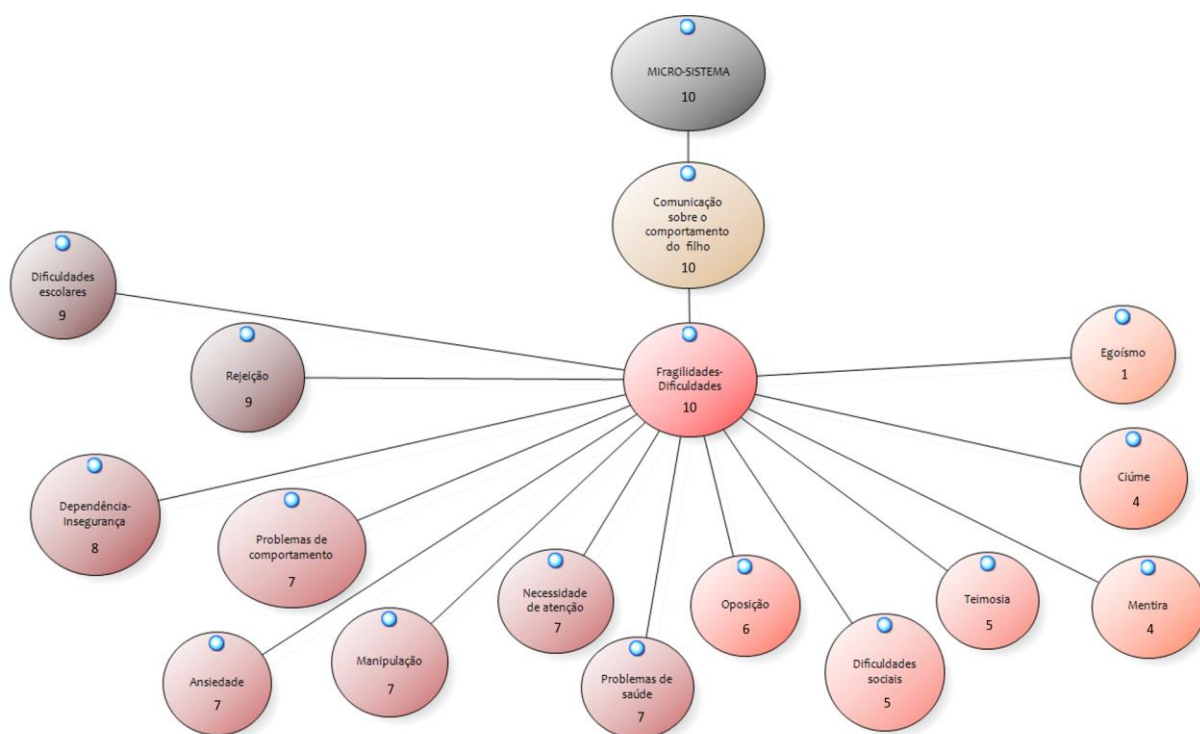


Figura 3- Significações negativas face ao comportamento dos filhos

No que diz respeito às significações negativas emergentes como mais relevantes nas narrativas parentais acerca do comportamento dos filhos, surgiram, referidas por 9 das 10 fontes participantes no estudo, as Dificuldades Escolares - *“A escola desgasta muito quando agente adota miúdos destes, porque a pessoa tem que corresponder, e estes miúdos são diferentes, não são iguais... (...) A escola não lhes diz nada, por enquanto, até hoje a escola não lhes diz nada.”* (M3; 45; m12-f11). A emergência desta categoria mostrou-se consistente com a literatura existente, uma vez que, tal como em estudos anteriores (Limiñana & Martínez, 2012), os pais sublinham dificuldades relativas ao rendimento escolar, nomeadamente ao nível da aquisição de conteúdos, resistência ao estudo - *“Ele o ano passado (...) tinha cinco negativas, e todos os dias eram duas horas “V., senta-te para estudar”, “Porquê?! Porquê é que eu tenho de estudar?! Esta porcaria, é uma seca!””* (M3; 45; m12-f11). -, a ansiedade perante as tarefas escolares - *“Um dia ele aparece à porta da escola com o queixo todo cortado, deve ter estado num sofrimento tão grande dentro da sala que cortou o queixo com a tesoura”* (M3; 45; m12-f11) -, e, ainda, as dificuldades de socialização com os colegas (Hoksbergen et al., 2004; Limiñana & Martínez, 2012).

No que diz respeito à Rejeição, esta foi uma categoria que emergiu em 9 fontes. Porém, não será legítimo associar unicamente a rejeição ao contexto adotivo, *per si*, uma vez que muitas das referências diziam respeito à entrada na adolescência dos filhos adotivos, o que foi justificado pelos pais como uma mudança de comportamento no que diz respeito à manifestação e receção de afeto, associada a esta etapa de desenvolvimento, o que é, aliás, consonante com a literatura (Marturano & Linhares, 2004) - *“ «Mãe, não venhas para aqui com os teus beijos. Daqui bocado que eu agora estou a fazer isto», «ok, pronto» portanto, está nessa fase.”* (M1; 37; f11-f8). Contudo, outras referências revelam comportamentos de rejeição decorrentes do processo adotivo - *“Por exemplo ele não tinha o contacto, aquela coisa de dar um abraço, pele com pele (...) demorou assim um certo tempo até ele estar mais à vontade em relação a isso”* (P23; 42; m9) -, o que é coerente com investigações anteriores que sublinham que a história de vida anterior marcada por abandono, negligência, maus-tratos e institucionalizações mais ou menos longas (Yildirim e Roopnarine, 2015), poderá dificultar o desenvolvimento de uma vinculação segura com os pais adotivos (Barone & Lionetti, 2012; Woolgar & Baldock, 2015).

Relativamente à Dependência-Insegurança, esta categoria emergiu em 8 fontes e associou-se maioritariamente a situações em que a criança se mostrava tímida e insegura no contacto social- *“Ele é envergonhado, não vai lá perguntar nada (...) No Halloween ele não bate às portas, foge a correr para o corredor do prédio”* (M3; 45; m12-f11) - bem como a situações relacionadas com ansiedade de separação de cuidadores, pais ou irmãos (Ehrenreich, Santucci & Weiner, 2008) - *“Eu abria a porta «Mãe?» «Sim», não era nada. Eu mexia-me de um sítio para o outro da casa «Mãe?» «Sim!», «Não é nada!», pronto era só para saber em que sítio da casa é que eu estava.”* (M3; 45; m12-f11). A Necessidade de Atenção surgiu também nas narrativas parentais, associada a situações em que a criança desejava ser o foco das atenções de familiares e amigos - *“Tudo o que faz tem de ter público, até a ver televisão tem de ter público (...) tem que ter sempre alguém à volta, nem que seja...desenhar e pegar num papel, tem que ter sempre alguém para mostrar logo a seguir.”* (P8; 39; m11). Já no que diz respeito ao Ciúme, este surgiu em 4 fontes, relacionado com a negação da partilha da atenção dos pais com outros indivíduos.

Com base nesta informação, coloca-se a hipótese de a dependência, necessidade de atenção e ciúme das crianças adotadas constituírem sinais de um estilo de vinculação ainda ansioso-ambivalente devido aos contextos pré-adotivos. Como acima referido, os contextos em que as crianças estão inseridas previamente à adoção são muitas vezes marcados por modelos parentais desviantes, maus tratos e negligência (Yildirim e Roopnarine, 2015). Ora, quando as crianças são sujeitas a interações imprevisíveis e inconsistentes com os seus cuidadores (e.g., negligenciar a criança e, posteriormente, tentar compensá-la com demasiado carinho), podem desenvolver um estilo de vinculação ansioso-ambivalente, caracterizado por uma desconfiança associada a comportamentos de dependência e desespero na ausência do cuidador, associando-se a este estilo de vinculação à ansiedade de separação (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 2014). A categoria Ansiedade surgiu associada às Dificuldades Escolares, Dependência e Insegurança, Necessidade de Atenção, Ciúme e, ainda, aos Problemas de Comportamento.

Os Problemas de Comportamento emergiram nas narrativas dos pais adotivos, mais especificamente em 7 das 10 fontes. Os problemas mais referidos são consonantes com a literatura anterior que revela a incidência de perturbações de externalização, internalização, hiperatividade e défice de atenção (MacLean, 2003) – *“Ela era*

hiperativa, (...) finalmente tive que aceitar que ela fosse medicada há dois anos para cá (...) ela não parava um segundo, um segundo (...) estava sempre a correr, (...) uma coisa extenuante.” (M3; 45; m12-f11) -, bem como de problemas de sono (Williams, 2011) - *“Começou a ter terrores noturnos, a fazer chichi na cama”* (M3; 45; m12-f11) - e agressividade física e verbal (Limiñana & Martínez, 2012), com referências comuns às categorias de Oposição e Dificuldades Sociais - *“O N no principio quando se chateava, mandava com uma cadeira... Era capaz de, com 3 aninhos, 3 aninhos [M: dava pontapés às auxiliares, aos avós / às auxiliares... Isso era terrível...”* (M4; 39; m12-m9). A emergência da Mentira e Teimosia, esta última que se concretiza na resistência ao cumprimento de regras demonstrou-se também congruente com a literatura existente, (Limiñana & Martínez, 2012), que as refere como comuns em crianças e jovens adotados.

Relativamente à Manipulação, esta categoria foi referenciada por 7 fontes - *“A mim custa-me muito que ele seja interesseiro, (...) Essa luta eu travo com ele. O de... Ele dar-se com as pessoas não por aquilo que elas têm, mas por aquilo que elas são.”* (M8; 44; m11). Coloca-se a hipótese de os comportamentos oportunistas e de manipulação poderem estar associados aos contextos institucionais prévios à adoção. As instituições são contextos com carências ao nível do afeto e apoio emocional fornecido às crianças (Merz & McCall, 2010). Devido à rotatividade dos colaboradores por turnos, será possível que as crianças não consigam estabelecer relações seguras e de confiança, aprendendo a recorrer à manipulação para obterem o que desejam.

No que diz respeito aos Problemas de Saúde, esta categoria emergiu sobretudo associada a Perturbação de Hiperatividade e Défice de atenção e condições de saúde física específicas de cada criança. Por fim, o Egoísmo é referido apenas por uma fonte, o que poderá ter a ver com fatores específicos e idiossincrasias do sistema familiar em questão.

Com base na mesma questão de investigação, emergiram ainda significações positivas associadas ao comportamento do filho. Estas foram enquadradas como Forças, encontrando-se representadas graficamente na Figura 4.

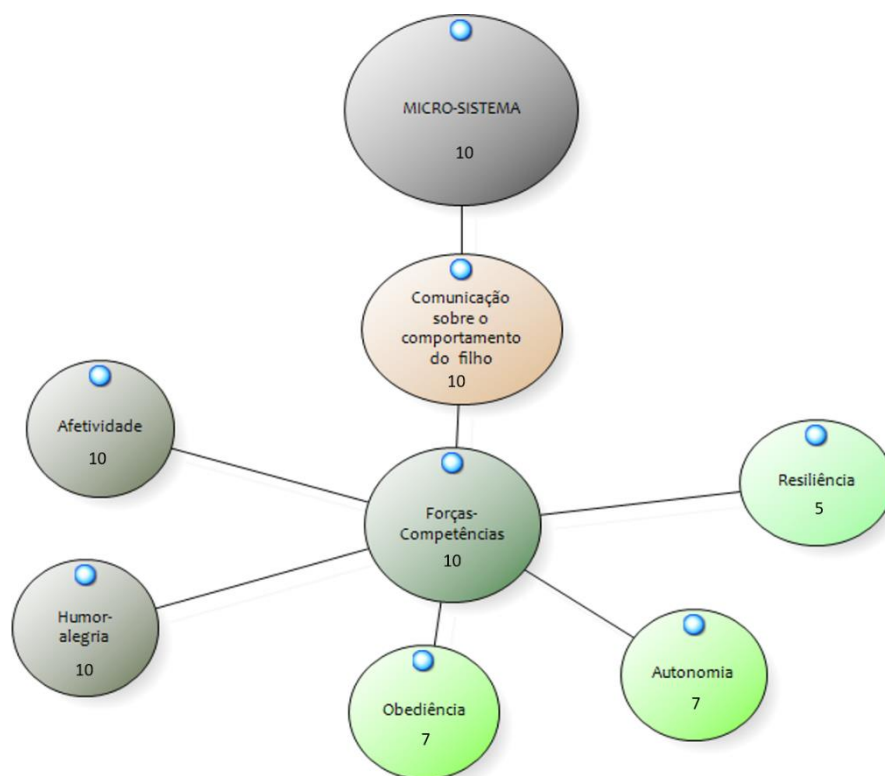


Figura 4- Significações positivas face ao comportamento dos filhos

No que concerne às significações positivas reveladas através das narrativas parentais acerca do comportamento dos filhos, a Afetividade foi referida pela totalidade dos participantes, tendo surgido como fundamental nas narrativas parentais - *“Aquele amor todo que nos tem...E que manifesta (...) Não é aquela coisa fria. É que a gente sente mesmo que ele é, o físico. E isso é tão bom! (afirma), é uma presença...tão ternurenta”* (P7; 47; m7). Este afeto traduziu-se tanto a nível físico- *“Fez sempre questão que lhe dessemos beijinhos. E abraços, as carícias...as coisas que não teve. Muiiitos beijinhos. Dá muitos beijinhos, muitos beijinhos.”* (P7; 47; m7) - como a nível verbal- *“É cheio de «papá és lindo», «mamã és linda» ”* (P7; 47; m7). Como referido anteriormente, alguns pais revelaram que as crianças apresentavam indicadores de Rejeição. Contudo, cumpre novamente referir que em muitos dos casos em que a rejeição não se deveu à entrada da adolescência, os pais tenderam a referir que foi algo que mudou com o tempo, sendo que, hoje em dia, percecionavam os filhos como bastante mais afetuosos.

Relativamente ao Humor-Alegria, referido pela totalidade das fontes, foi uma categoria que se concretizou em situações de boa disposição e à-vontade das crianças,

tendo também sido associada ao “*ser feliz*”- “*É isso que me realiza realmente como mãe é a felicidade dela, (...) é uma menina felicíssima. Eu chamo a minha filha de manhã e a minha filha quando acorda está na cama a cantar (...) ela faz tudo a cantar, é extremamente bem-disposta.*” (M10; 45; f-10).

Na Autonomia (7 fontes), os participantes focaram aspetos em que a criança se mostrava apta a lidar com as situações sem depender de terceiros, tendo revelado segurança e tranquilidade perante as mesmas- *É uma criança extremamente tranquila e... por exemplo, perde-se num sítio qualquer, «Diz-me o que é que precisas que eu vou buscar!», vai, e depois eu via-a a passar nos corredores de um lado para o outro, de um lado para o outro e ela não sabia onde é que eu estava, depois só ouvi ao altifalante para eu ir ter não sei onde, não se atrapalha nada com aquelas coisas*” (M10; 45; f-10).

A vinculação segura é definida por alegria por parte das crianças, que buscam conforto nos seus cuidadores e, após separação, quando reunidas novamente com eles, demonstram tranquilidade e segurança (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 2014). Com base na análise das narrativas emergentes nas três categorias anteriores – afeto, humor e autonomia -, os resultados parecem indiciar o desenvolvimento de uma vinculação segura aos pais adotivos. Contudo, considerando o que acima referimos, relativamente ao facto de os dados revelarem também sinais de um estilo de vinculação ansioso-ambivalente, colocamos a hipótese de o desenvolvimento de um estilo de vinculação seguro estar ainda em curso, ou de se verificar uma oscilação entre ambos os estilos, o que é corroborado pela literatura empírica a propósito de crianças adotadas que vivenciaram, ao longo da sua história de vida, períodos de maltrato, negligência e/ou institucionalização (Barone & Lionetti, 2012; Woolgar & Baldock, 2015; Yildirim e Roopnarine, 2015).

A obediência surgiu nas narrativas relacionada com o cumprimento de regras e respeito às orientações parentais. Grande parte dos pais que referiram esta categoria revelaram sentir uma evolução nos filhos - “*Nisso dos castigos (...) ele, neste momento, está mais consciente e é mais eficaz do que há uns anos atrás, é mais eficaz! E acontece menos frequentemente. Por exemplo, a última vez que ele fez alguma coisa errada e nós precisámos de lhe chamar à atenção não houve nem castigo nem palmada, foi mais uma conversa do tipo «Isso não se faz»*” (M6; 43; m9). Estas narrativas parecem consonantes com o que foi verificado anteriormente, isto, é, a predominância de um

estilo parental autoritativo (Baumrind, 1971) que parece ser o estilo mais associado à adaptação dos filhos em situação de adoção (Harkins, 2014).

A Resiliência surgiu nas narrativas dos pais adotivos, associada à persistência dos filhos perante as dificuldades, o que pode ser associado à sua história de vida. Os contextos em que as crianças estão inseridas previamente à adoção são contextos multi-desafiados (Barone & Lionetti, 2012; Woolgar & Baldock, 2015). Desta forma, as crianças são, desde a mais tenra idade, sujeitas a adversidades diversas, colocando-se a possibilidade de desenvolverem competências que promovem trajetórias de resiliência.

Janela para o meso-exossistema - significações positivas e negativas sobre a relação com outros sistemas

Relativamente às significações ao nível da relação com os sistemas extra-familiares, a Figura 5 apresenta as categorias que emergiram nas narrativas parentais, através da análise das entrevistas realizadas.

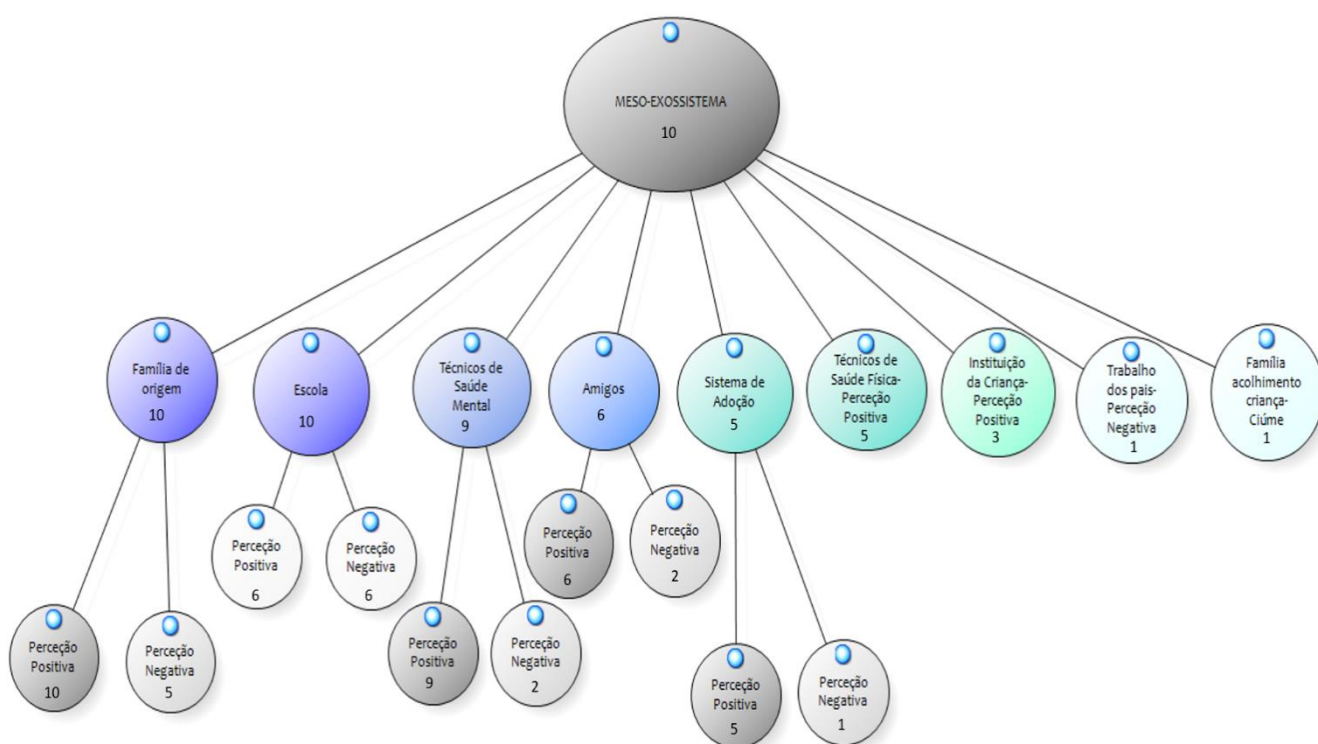


Figura 5- Significações ao nível da interação com o meso-exossistema

Relativamente à Família de Origem (10 fontes) e Amigos (6 fontes), a percepção positiva incide sobretudo no apoio prestado, o que é consistente com a literatura

existente, que refere que estes são contextos fundamentais para obtenção de apoio (Bejenaru e Roth, 2012). Em coerência com a literatura (Bejenaru e Roth, 2012), a Família de Origem, referida pela totalidade das fontes, revelou-se como o contexto preferencial de apoio dos pais adotivos na presente amostra. Todos os participantes relataram o apoio da família como essencial e positivo a diferentes níveis: por se disponibilizarem para tomar conta do filho sempre que necessário; por auxiliarem a criança com tarefas como os trabalhos de casa ou o estudo, área comprovadamente desafiante para as crianças adotadas (Limiñana & Martínez, 2012); como fonte de apoio emocional dos pais adotivos - *“E a minha mãe também me ajuda, a mim pessoalmente, nestas dificuldades, como ela também foi uma mãe muito parecida comigo e da maneira de encarar as coisas, que me ajuda... «olha, tens que ter calma, tens não sei quê, tens não sei quanto» pronto, aquelas coisas de mãe-filha (sorri) também ajuda.”* (M1; 37; f11-f8); como fonte de afeto, salientando a crença, por parte dos pais, de que a chegada da criança adotada contribuiu para o desenvolvimento de sentimentos positivos na família - *“É a capacidade de amar. E isso não é só o que eu sinto, é o que eu oiço também da nossa família, e o que eles sentem relativamente ao F. Não tenho dúvidas nenhuma que já ninguém se lembra se ele é filho adotivo se é filho biológico.”* (M6; 43; m9).

Em 5 fontes surgiram também algumas percepções negativas relativamente à família de origem, nomeadamente no que diz respeito à sua intrusão na educação da criança. Estes participantes referiram que os membros familiares questionavam as suas decisões face à criança adotada, tendo associado algum *stress* a essas situações - *“É das coisas que mais custa (...) os avós sabem dizer «mas porque é que não fazem assim, porque é que não fazem assado? Ficam de castigo e mais nada. Pois, vocês dão-lhes tudo!» Mas depois, quando estão com eles, são os primeiros a falhar. Porque, sabem que eles fizeram mal, mas não têm coragem de lhes dar um castigo”* (M4; 39; m12-m9). Coloca-se a hipótese de tais resultados poderem ser explicados com base na literatura existente, que revela a crença subjacente à atuação de muitos pais adotivos de que têm de ser pais perfeitos e não podem nunca falhar (Burns & Burns, 2010). Assim, um questionamento ou auxílio não solicitado poderá pôr em causa a eficácia das suas estratégias e crenças face à parentalidade, contribuindo para um aumento do *stress* nos pais adotivos, e associando uma percepção negativa à família de origem. Com efeito, a literatura sobre parentalidade em geral, e não especificamente adotiva, mostra que,

frequentemente, os pais sentem alguma dificuldade e algum *stress* relativamente a questões associadas à relação avós-netos, e, particularmente no que se refere a estilos educativos (Chiapin, Araújo & Wagner, 1998).

Os nossos dados revelam que a perceção positiva dos amigos associada ao apoio estava fundamentalmente relacionada com apoio emocional, conselhos e estratégias sugeridas por indivíduos que também passaram ou estavam a passar por um processo de adoção- “(...) *eu construí as minhas amizades já em adulta, (...) e... especialmente uma delas tem sido extremamente importante para mim, (...) há uns tempos eu dizia-lhe (...) «Obrigada por me questionares» (...) Esta minha amiga porque, efetivamente coloca questões que me obrigam a pensar, eu gosto muito de pensar, e acho que...tem sido importante...*” (M3; 45; m12-f11). As perceções negativas surgiram em 2 das 6 fontes que referiram os amigos e prenderam-se com consequências negativas desta interação, não nos pais, mas sim na criança- “*A FV quando chegou (...) reagia com agressividade a situações que a preocupavam, sei lá... na escola, um filho de um amigo dizer a toda a gente que ela tinha sido adotada. Ficou agressiva, comigo. Foi para casa, dava pontapés nas coisas... não dizia o que se passava, mas... era uma descarga.*” (M24; 41; f13-m10).

No que concerne à Escola, esta surgiu também nas narrativas de todas as fontes, havendo, contudo, um equilíbrio face às perceções positivas e negativas associadas pelos pais a este contexto. As perceções parentais negativas face ao contexto escolar, mostraram-se consistentes com a literatura existente sobre a temática, que associa ao percurso escolar das crianças adotadas diversas dificuldades a nível académico e social (Limiñana & Martínez, 2012). De facto, com base na análise das entrevistas, o que emergiu de negativo associado ao contexto escolar prendeu-se, em primeiro lugar, com os problemas comportamentais do filho, tais como a agressividade para com os pares e professores e não cumprimento de regras. A narrativa parental revelou uma associação destes comportamentos a uma preocupação dos pais face ao ajustamento dos filhos, bem como ao *stress* de terem de ouvir queixas por parte dos professores e pessoal não-docente, contribuindo assim para uma significação negativa do contexto escolar- “*Porque nós, era todos os dias, íamos buscá-lo à creche. (...) P: «O seu filho fez isto, o seu filho fez aquilo» e eram todos os dias.../ «ele é assim, ele é assado», todos os dias. Eu saía do meu trabalho muitas vezes, ia com um nó no estômago, com receio de os ir buscar, porque já sabia que ia ouvir.*” (M4; 39; m12-m9). Ainda associado a esta

perceção, os pais revelaram não sentir apoio por parte dos profissionais do contexto escolar, face às dificuldades dos seus filhos- *“E, quando ele entrou, eu falei com a professora «olhe, atenção, que ele às vezes precisa que se lhe explique e pergunte se ele percebeu, não vai perceber (...) Tome atenção que ele se vai distrair imenso» e confiei que a professora me ia dar feedback. E eu, vamos andando, vamos andando, e chega ao Natal (...) apercebemo-nos, quando vou falar com a professora que o miúdo era péssimo, fraco, que tinha ficado para trás e eu pensei logo assim «Mas não me podia ter dito nada gaita?» ”* (P7; 47; m7). Tais resultados mostram-se consistentes com estudos que revelam a falta de apoio estrutural da escola como tema emergente em pais adotivos (Lancaster e Constantin, 2014). Com efeito, nas entrevistas realizadas, os pais revelaram sentir que o seu filho é incompreendido face às dificuldades e problemas apresentados, como é o caso da Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção. Os pais adotivos demonstram-se algo descontentes com as repreensões e castigos atribuídos aos filhos, por motivos que, muitas vezes, estes *“não conseguem controlar”* (M4; 39; m12-m9).

Porém, apesar das significações negativas associadas ao contexto escolar, este continuou a ser um palco importante de apoio para os pais adotivos. Na base de grande parte das perceções parentais positivas associadas à escola, surgiu o apoio para ultrapassar as dificuldades do filho em contexto escolar. Desta forma, os resultados obtidos apoiam a literatura existente quando se refere à dimensão das dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais, no quotidiano das crianças adotadas (Raaska et.al, 2012; Sánchez-Sandoval, & Palacios, 2012). Os pais adotivos relataram a importância do contacto com professores e diretores de turma, no sentido de compreender o desempenho académico e comportamento do filho em contexto escolar, salientando a importância de se manterem atualizados e presentes face ao que se passa na escola, de modo a que lhes fosse possível compreender a extensão das dificuldades do filho e atuar sobre elas- *“Mas não deixa de ser pilar. Contactos com os professores (...) sempre tentar perceber como é que as coisas estão a correr, estarmos sempre presentes, acho que é muito importante.”* (M4; 39; m12-m9).

Os Técnicos de Saúde Física e Saúde Mental surgiram nas narrativas dos pais adotivos enquanto fontes importantes de apoio, associadas, maioritariamente, a perceções positivas. Consistentes com a literatura existente, os pais adotivos encontraram nos profissionais de Saúde Mental (9 fontes), o apoio relacionado com as

problemáticas frequentemente associadas às crianças e jovens adotados (Bejenaru e Roth, 2012; Lavner, Waterman & Peplau, 2014), como é o caso da agressividade física e verbal, mentira (Limiñana & Martínez, 2012) e perturbações de hiperatividade e défice de atenção (MacLean, 2003). No que diz respeito aos Técnicos de Saúde Física, categoria emergente em 5 fontes, a análise das entrevistas revelou a importância do seu apoio para os pais adotivos, ainda que este tivesse sido mais pontual, mostrando-se menos frequente que o apoio dos Técnicos de Saúde Mental. Tais resultados poderão ser explicados pelo facto de o apoio ao nível da saúde física ser solicitado em situações específicas de doença, sendo, portanto, menos frequente. Os contextos de risco pré e peri- institucionalização estão maioritariamente associados a problemáticas do foro mental (MacLean, 2003; Hoksbergen et al., 2004; Williams, 2011; Limiñana & Martínez, 2012), que tendem a manter-se após a adoção (Merz & McCall, 2010), razão que poderá explicar o apoio dos Técnicos de Saúde Mental solicitado pelos pais adotivos com mais frequência do que aquele solicitado aos Técnicos de Saúde Física.

A literatura refere o Sistema de Adoção como sendo a fonte de apoio a que os pais adotivos recorrem mais frequentemente (Burns & Burns, 2010), mostrando, ainda, que muitos pais adotivos não sentem o apoio necessário por parte dos profissionais destes Serviços (Forbes & Dziegielewski, 2003). Com base na análise das entrevistas, o Sistema de Adoção não foi referido pelas famílias enquanto a sua principal fonte de apoio. Ainda assim, os pais adotivos conceberam este Serviço como um recurso valioso, destacando a importância do seu apoio nas situações difíceis, bem como a disponibilidade e profissionalismo dos seus recursos humanos- *“E ligámos para Y, especialmente nessa noite em que eles disseram «esta casa é parva»... E a Y, felizmente, parece-me a mim que foi uma instituição que, que, que superou as expetativas, para melhor... Na medida em que, do outro lado, tínhamos sempre alguém a dizer «isto são eles a pô-los à prova...Isto... Quer dizer que isto está a correr muito bem.»*” (P4; 39; m12-m9). Tais resultados podem ser considerados surpreendentes, face a investigações anteriores que demonstram uma perceção negativa associada aos profissionais do Sistema de Adoção (Forbes & Dziegielewski, 2003). No presente estudo, quando surgiram perceções negativas, estas mostraram-se frequentemente associadas, não à qualidade do serviço, mas à indisponibilidade em prestá-lo. Isto é, as perceções negativas associadas ao apoio fornecido pelo Sistema de Adoção mostraram-se relacionadas com a não-disponibilidade ao fornecimento de apoio, apesar do

reconhecimento por parte dos pais adotivos, de que este seria um apoio adequado às suas necessidades. Tal poderá estar relacionado com uma sobrecarga nos Serviços de Adoção, que resultam numa indisponibilidade por parte dos técnicos, em apoiar todas as famílias adotivas durante períodos longos de tempo, devido ao facto de terem múltiplas famílias a seu cargo.

Ainda que o trabalho dos pais e a instituição ou família de acolhimento da criança não tenham emergido com grande relevância nas narrativas dos pais adotivos acerca da interação com o meso-exossistema, consideramos interessantes as referências efetuadas a estes contextos. Designadamente, 3 fontes referiram a instituição de acolhimento da Criança, demonstrando perceções positivas face à mesma, nomeadamente no apoio prestado pelos técnicos da instituição face a situações problemáticas após a adoção, o que corrobora a literatura que defende a sua importância enquanto recurso, dado que associa o conhecimento técnico dos seus profissionais, ao conhecimento da criança, decorrente do período mais ou menos longo de institucionalização (Burns & Burns, 2010).

O trabalho dos pais mostrou-se associado ao aumento dos níveis de *stress* parental, e redução do tempo para estar com a família. Dada a elevada escolaridade dos participantes (ver capítulo II. Processo Metodológico - Caracterização da Amostra), associada a trabalhos de maior responsabilidade, seria de esperar um maior número de referências ao trabalho, nomeadamente ao *stress* que dele advém. Tais resultados poderão ser explicados se considerarmos que, dada a elevada percentagem de pais com Ensino Superior completo, estes podem estar inseridos em áreas laborais de interesse pessoal, considerando o trabalho, não enquanto fator de *stress*, mas sim de realização pessoal. A referência à família de acolhimento da criança - no caso, percecionada enquanto obstáculo a uma vinculação segura aos pais adotivos - surge também em apenas uma fonte, o que estará relacionado com a especificidade desta situação, uma vez que, na presente amostra, existia apenas uma família cuja criança terá passado por uma família de acolhimento.

Cumpramos também referir que, apesar da importância atribuída ao macrosistema, nomeadamente no que diz respeito ao estigma social a que as famílias são sujeitas (Miall, 1987), as narrativas parentais dos participantes relativamente ao macrosistema apenas incidiam sobre tempos prévios à adoção, particularmente sobre o período de

decisão de adoção e sobre o processo de avaliação a que estiveram submetidos enquanto candidatos a pais adotivos. Como tal, e tendo em conta que o objeto do presente estudo - famílias adotivas -, tais dados não foram considerados.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo pretende apresentar uma reflexão final acerca dos resultados obtidos, as limitações e as possíveis implicações futuras desta investigação.

Síntese dos principais Resultados

Tendo como enquadramento teórico o modelo ecossistémico de Bronfenbrenner (1994), e partindo do pressuposto de que todo o comportamento é comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1967), pretendeu-se, com o presente estudo, analisar e compreender, através de narrativas de pais adotivos sobre o comportamento/comunicação na família, processos relacionais familiares, e significações atribuídas ao comportamento dos filhos e às relações com outros sistemas.

Em síntese, os resultados que obtivemos a partir das narrativas dos pais adotivos sobre a comunicação/comportamento familiar, sugerem que, na amostra em estudo:

- parece predominar uma parentalidade equilibrante caracterizada por processos relacionais que indiciam estilo parental autoritativo; afetividade elevada; orientação para o diálogo; comunicação aberta sobre adoção;
- os pais significam os comportamentos dos filhos de uma forma muito positiva, ou seja, enquanto competências ou forças, sublinhando o afeto, humor-alegria, obediência, autonomia e resiliência. Contudo, revelam também uma marcada preocupação com comportamentos que interpretam negativamente, assumindo um caráter de dificuldades ou fragilidades, tais como: desempenho escolar e problemas de comportamento na escola; dependência, insegurança, ansiedade, ciúme, problemas de sono; manipulação, mentira, necessidade de atenção; rejeição, oposição, teimosia, incumprimento de regras, agressividade, mentira; doenças físicas, hiperatividade e défice de atenção;

- a conjugação das significações parentais acerca do comportamento da criança permite levantar a hipótese do desenvolvimento em curso de uma vinculação segura com os pais adotivos, embora oscilando com vinculação ansiosa-ambivalente, possivelmente decorrente da inconsistência dos cuidadores da criança nos contextos pré-adotivos;
- a qualidade da relação conjugal parece assumir um significado recurso intrafamiliar facilitador do processo de adaptação da família à criança e da criança à família;
- a interação/relação com o mesossistema, particularmente com alguns contextos – família de origem, escola e técnicos de saúde mental – é pontuada sobretudo positivamente pelos pais, assumindo um significado de recurso extra-familiar que proporciona sobretudo apoio, o que parece ser considerado muito importante para o processo de adaptação à situação de adoção.

A análise integrada e holística destes resultados levam-nos a colocar a seguinte hipótese teórica, representada graficamente na Figura 6:

- existe uma influência circular positiva entre parentalidade equilibrante – caracterizada por estilo parental autoritativo; afetividade elevada, orientação para o diálogo, e comunicação aberta sobre adoção – e a manifestação, por parte dos filhos, de comportamentos interpretados (e valorizados) pelos pais como competências. Por sua vez, a manifestação de comportamentos interpretados como fragilidades tendem a ser atribuídos à história de vida da criança, prévia à adoção, ou à etapa de desenvolvimental em que se encontra;
- tal circularidade positiva influencia a vinculação da criança, potenciando o desenvolvimento gradual de uma vinculação segura na criança, e diminuindo a vinculação ansiosa-ambivalente;
- a qualidade da relação conjugal, enquanto recurso intra-familiar (microsistema), e o apoio de sistemas extra-familiares (meso-exossistemas) influenciam a circularidade positiva supra-citada;
- a interatividade entre estes fatores contribui para a trajetória de adaptação à situação de adoção.

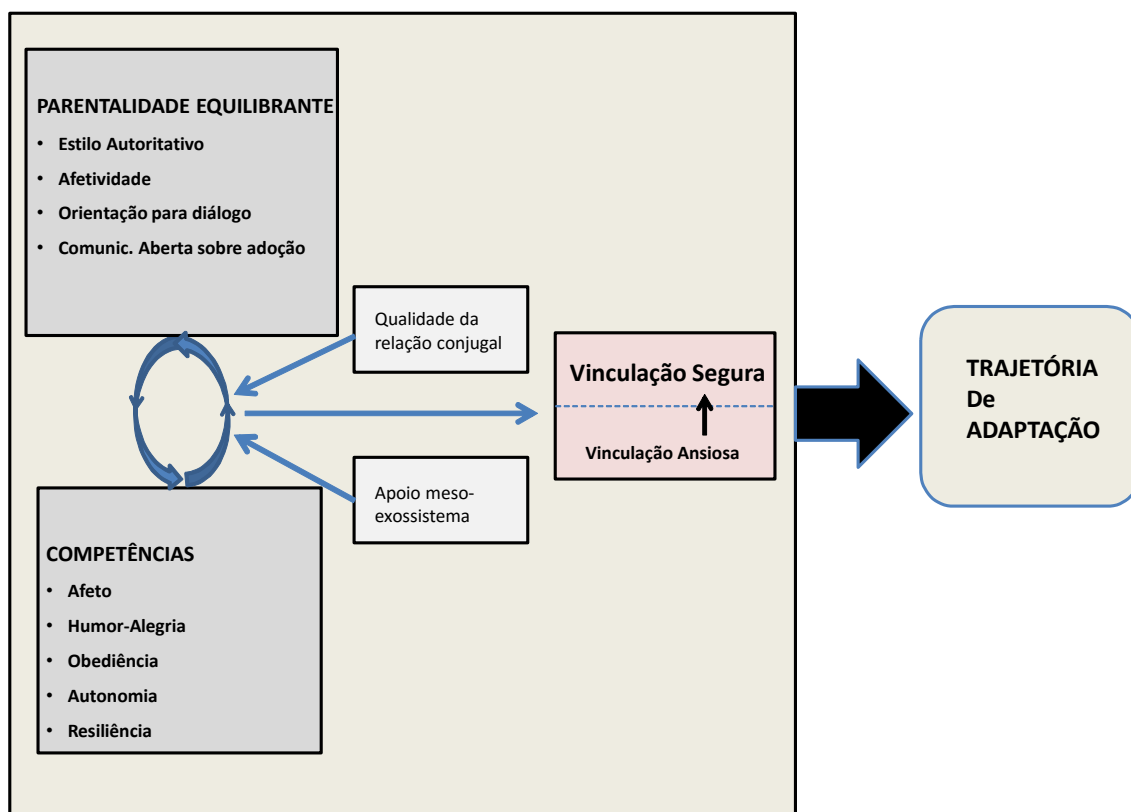


Figura 6- Hipótese emergente sobre processo de adaptação em famílias adotivas

Limitações do estudo

O presente estudo apresenta algumas limitações as quais são apresentadas de seguida.

Em primeiro lugar, no que concerne à amostra, esta é limitada. A entrevista foi realizada a 7 díades conjugais e 3 indivíduos em representação do casal, sendo que a dimensão desta amostra não permite contemplar diferenças em função de variáveis da família (e.g., número de filhos; tempo de espera pela adoção) e associadas aos filhos: sexo, idade, idade à data de adoção; história de vida anterior na família biológica; tempo de institucionalização, etc. A amostra apresenta-se ainda bastante homogênea, nomeadamente, por ser constituída por apenas casais, só com filhos adotivos. Para além disso, o processo de seleção pode ter feito com que apenas as famílias mais satisfeitas tenham participado no estudo, uma vez que as insatisfeitas podem acabar por evitar

estudos deste género, dado que tal significaria a exposição das suas dificuldades enquanto pais; constitui igualmente um limite do estudo, o facto de os filhos adotivos não se incluírem diretamente nas “vozes” sobre comunicação/comportamento familiar.

Cumpre ainda referir algumas limitações ao nível da análise dos dados. No que diz respeito à codificação dos dados, ainda que apoiado por dois investigadores seniores, esta foi efetuada por apenas um codificador principal, sem experiência anterior em investigação qualitativa. Outra limitação surge ainda associada aos critérios definidos na operacionalização de comunicação, que restringem o leque de excertos passíveis de análise no presente estudo (Ver capítulo II. Processo Metodológico – Procedimentos de Análise de Dados).

Contributos do Estudo

Enquanto contributo para o enriquecimento ou para a validação de teorias prévias, o presente estudo reforça o conhecimento existente acerca das famílias adotivas, nomeadamente face à importância da comunicação, imposição de regras e afeto, consistentes com um estilo parental predominantemente autoritativo, com um clima familiar pautado por afeto, em que existem regras e limites mas estes são explicados. Mais especificamente ao nível da comunicação, este estudo salienta a comunicação aberta acerca da adoção e a importância que os pais atribuem ao facto de a criança conhecer a sua história. Mais ainda, o presente estudo sublinha a importância do contexto escolar, e a falta de apoio estrutural presente nas narrativas parentais. Os resultados permitem ainda colocar a hipótese de, após a adoção, as crianças desenvolverem progressivamente um estilo de vinculação seguro, oscilando com o ansioso-ambivalente devido às experiências pré-adotivas nefastas. Concretamente, como supra-referido, o desenvolvimento de um estilo de vinculação seguro estará associado à circularidade entre a parentalidade positiva- caracterizada por um estilo parental predominantemente autoritativo com níveis elevados de diálogo, afeto e comunicação aberta sobre a adoção - e as forças/competências no filho - designadamente, o afeto, humor-alegria, obediência, autonomia e resiliência. Porém, poderá, ainda, haver a oscilação com um estilo de vinculação ansioso-ambivalente, associado principalmente à etapa desenvolvimentista da entrada na adolescência e às experiências negativas no contexto pré-adotivo.

A investigação sobre a vivência da adoção na criança adotada tem essencialmente por base a perspectiva dos pais ou dos adotados em idade adulta, pelo que apenas uma minoria dos estudos realizados partem da perspectiva da criança (Neil, 2012). Com base nestes resultados, em investigações futuras seria interessante compreender a perspectiva dos filhos adotados face a estas temáticas, uma vez que todo o conhecimento conquistado com o presente estudo foi obtido com base nas perspectivas parentais que não são necessariamente as mesmas dos filhos, sendo que as suas experiências são, certamente, diferentes.

Concretamente, seria interessante analisar, através de estudos longitudinais, a evolução no modo como as crianças percecionam os pais adotivos e a relação pais-filhos, explorando a possibilidade da alteração do estilo de vinculação após a adoção. Seria ainda interessante explorar as experiências dos filhos no que diz respeito ao conhecimento que vão obtendo acerca da sua história de adoção, compreendendo o impacto que a comunicação aberta ou parcial tem neles, nomeadamente as temáticas mais dolorosas (e.g., maltratos e abandono). Por fim, no que diz respeito ao contexto escolar, investigações futuras poderão debruçar-se sobre o apoio deste contexto percecionado pelos filhos, associando-o às dificuldades de uma criança adotada e ao modo como este apoio, ou a falta dele, poderá contribuir para a sua perceção de ser diferente quando comparado com os seus colegas.

A presente investigação pode contribuir para o processo de adoção, nomeadamente no que diz respeito: à importância da avaliação dos candidatos a adoção face à qualidade da díade conjugal uma vez que, como os resultados sugerem, quando há conflito parental, este é refletido negativamente nos filhos; e ao acompanhamento das famílias adotivas por profissionais especializados, já que os pais se referem aos Serviços de Adoção como fontes de apoio essenciais, porém, algo indisponíveis.

Os Serviços de Adoção podem ainda ser uma importante ferramenta ao nível do apoio a pais adotivos, sendo que seria interessante a organização de contactos entre pais adotivos com mais e menos tempo de adoção, para que pudesse haver uma partilha de experiências, uma vez que, tendo em conta as narrativas analisadas, os pais atribuem grande importância ao apoio proveniente de pessoas que tenham passado ou estejam a passar por um processo de adoção.

Adicionalmente, no que diz respeito à prevenção e intervenção terapêutica, estes resultados podem contribuir para enfatizar a importância do papel do psicólogo no apoio às situações de adoção, nomeadamente no que se refere ao acompanhamento psicológico da criança e intervenção em situações de problemas comportamentais no filho e intervenção ao nível do *stress* parental. Mais concretamente, no que diz respeito ao acompanhamento parental, estes resultados sugerem a pertinência de intervenções que se foquem nos pais adotivos e contribuam para a qualidade da relação conjugal, uma vez que, com base nos resultados obtidos, esta se concretiza numa importante fonte de apoio emocional, e em tarefas específicas, associando-se à redução dos níveis de *stress* nos pais adotivos. Tais intervenções poderão ser focadas: na promoção do diálogo entre casal, acerca das questões relacionadas com o filho e também sobre as próprias questões do casal; bem como no delinear de fronteiras entre o subsistema parental e o subsistema conjugal, de modo a que as questões do filho não interfiram na relação do casal e vice-versa, contribuindo para uma promoção do ajustamento familiar à situação de adoção.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (2014). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology Press.
- Aires, L. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional.
- Alexander, L. B., Hollingsworth, L. D., Dore, M. M., & Hoopes, J. W. (2004). A family of trust: African American parents' stories of adoption disclosure. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74(4), 448–455. doi:10.1037=0002-9432.74.4.448.
- Amato, P. R., & Cheadle, J. E. (2008). Parental Divorce, Marital Conflict and Children's Behavior Problems: A Comparison of Adopted and Biological Children. *Social Forces*, (3), 1139.
- Atieno, O. P. (2009). An analysis of the strengths and limitations of qualitative and quantitative research paradigms. *Problems of Education In The 21St Century*, 1313-18.
- Barone, L., & Lionetti, F. (2012). Attachment and emotional understanding: a study on late-adopted pre-schoolers and their parents. *Child: care, health and development*, 38(5), 690-696.
- Bates, D. S. & Toro, P. A. (1999). Developing measures to assess social support among homeless and poor people. *Journal of Community Psychology*, 27, 137-156.
- Baumrind, D. (1971). Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental psychology*, 4(1p2), 1.
- Beebe, S., & Masterson, J. T. (1996). *Communicating in small groups*. Longman Publishing Group.
- Bejenaru, A., & Roth, M. (2012). Romanian adoptive families: Stressors, coping strategies and resources. *Children and Youth Services Review*, 34(7), 1317-1324.
- Bernardes, J. (1985). 'Family ideology': identification and exploration. *The Sociological Review*, 33(2), 275-297.

- Boliero, H., & Guerra, P. (2009). *A criança e a família: uma questão de direito (s): visão prática dos principais institutos do direito da família e das crianças e jovens*. Coimbra Editora.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 68-80.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological Models of Human Development. *Readings on the Development of Children*, 5, 37-43.
- Burns, L., & Burns, A. (2010). *Adopting overseas: a guide to adopting from Australia, plus personal stories that will inspire you*. ReadHowYouWant. com.
- Carvalho, V. D. D., Borges, L. D. O., & Rêgo, D. P. D. (2010). Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. *Psicol. ciênc. prof*, 30(1), 146-161.
- Cezar-Ferreira, V. A. (2004). A Pesquisa Qualitativa como meio de produção de conhecimento em Psicologia Clínica, quanto a problemas que atingem a família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(I), 81-95.
- Chiapin, G., de Araújo, G. B., & Wagner, A. (1998). *Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres?*. Universidad Federal do Rio Grande do Sul.
- Clark, P., Thigpen, S., & Yates, A. M. (2006). Integrating the older/special needs adoptive child into the family. *Journal of marital and family therapy*, 32(2), 181-194.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica– o processo de comunicação no sistema familiar.
- Ehrenreich, J. T., Santucci, L. C., & Weiner, C. L. (2008). Separation anxiety disorder in youth: phenomenology, assessment, and treatment. *Psicologia conductual*, 16(3), 389.

- Escobar, M. J., Pereira, X., & Santelices, M. P. (2014). Behavior problems and attachment in adopted and non-adopted adolescents. *Children and Youth Services Review*, 42, 59-66.
- Fernandes, E., & Maia, A. (2001). Grounded theory. In E. M. Fernandes & I. S. Almeida (Eds.). *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas*. (49-76). Braga: Centro de estudos em Educação e Psicologia.
- Forbes, H., & Dziegielewska, S. F. (2003). Issues facing adoptive mothers of children with special needs. *Journal of Social Work*, 3(3), 301-320.
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2013). Predictors of psychological adjustment in early placed adopted children with lesbian, gay, and heterosexual parents. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 431.
- Grotevant, H. D., Dunbar, N., Kohler, J. K., & Esau, A. M. L. (2000). Adoptive Identity: How Contexts Within and Beyond the Family Shape Developmental Pathways. *Family Relations*, 49(4), 379-387.
- Grotevant, H. D., & McDermott, J. M. (2014). Adoption: Biological and Social Processes Linked to Adaptation. *Annual review of psychology*, 65, 235-265.
- Han, J., Kwon, H., Ha, M., Paik, K., Lim, M., Gyu Lee, S., & Kim, E. (2015). The effects of prenatal exposure to alcohol and environmental tobacco smoke on risk for ADHD: A large population-based study. *Psychiatry Research*, 225, 164-168. doi:10.1016/j.psychres.2014.11.009.
- Harkins, C. A. B. (2014). *The Relationship Between Adoptive Parents Attachment and Parenting Styles on Adoption Outcomes*. (Doctoral dissertation, Alliant International University).
- Harrigan, M. (2010). Exploring the narrative process: An analysis of the adoption stories mothers tell their internationally adopted children. *Journal of Family Communication*, 10(1), 24-39. doi:10.1080=15267430903385875.

- Hoksbergen, R., Rijk, K., van Dijkum, C., & ter Laak, J. (2004). Adoption of Romanian children in the Netherlands: behavior problems and parenting burden of upbringing for adoptive parents. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 25(3), 175–180.
- Howat-Rodrigues, A. P. (2013). Genetic and adoptive motherhood: Stress, marital relationship, and child care support. *International Journal Of Psychology*, 48(6), 1212-1220.
- Hughes, D. A. (1999). Adopting children with attachment problems. *CHILD WELFARE-NEW YORK-*, 78, 541-560.
- Instituto da Segurança Social (2014). *Guia Prático- Adoção*.
- Isaacs, A., & Koerner, A. F. (2008). Linking familial typologies: *An investigation of the relationship between parenting styles and family communication patterns*. Paper presented at the annual meeting of the International Communication Association, Montreal, Ontario, Canada.
- Jennings, S., Mellish, L., Tasker, F., Lamb, M., & Golombok, S. (2014). Why Adoption? Gay, Lesbian, and Heterosexual Adoptive Parents' Reproductive Experiences and Reasons for Adoption. *Adoption Quarterly*, 17(3), 205-226. doi:10.1080/10926755.2014.891549.
- Koerner, A. F., & Fitzpatrick, M. A. (2002). Toward a theory of family communication. *Communication Theory*, 12(1), 70-91.
- Kranstuber, H., & Kellas, J. K. (2011). 'Instead of Growing Under Her Heart, I Grew in It': The Relationship Between Adoption Entrance Narratives and Adoptees' Self-Concept. *Communication Quarterly*, 59(2), 179-199. doi:10.1080/01463373.2011.563440.
- Lancaster, C., & Constantin, D. L. (2014). A Qualitative Inquiry of International Adoptees in Schools. *Journal Of School Counseling*, 12(19).
- Laughery, E. (2013). Blogging as a Medium of Social Support During the Adoption Process: A Phenomenological Study of Adopting Parent-Bloggers.

- Lavner, J. A., Waterman, J., & Peplau, L. A. (2014). Parent adjustment over time in gay, lesbian, and heterosexual parent families adopting from foster care. *American Journal Of Orthopsychiatry*, 84(1), 46-53. doi:10.1037/h0098853.
- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo - Lei Nº 147/99, de 1 de setembro. Acedido a 18 de Agosto de 2015. Disponível em www.pgdlisboa.pt.
- Limiñana, A. a., & Martínez, R. S. (2012). La adaptación escolar de los menores adoptados. Riesgos y estrategias de intervención. (Spanish). *Electronic Journal Of Research In Educational Psychology*, 10(1), 151-170.
- MacLean, K. (2003). The impact of institutionalization on child development. *Development and Psychopathology*, 15, 853–884.
- Madill, A., Jordan, A., & Shirley, C. (2000). Objectivity and reliability in qualitative analysis: Realist, contextualist and radical constructionist epistemologies. *British Journal Of Psychology*, 91(1), 1-20. doi:10.1348/000712600161646.
- Marturano, E. M., & Linhares, M. B. M. (2004). *Vulnerabilidade e proteção: Indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar*. Casa do Psicólogo.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of general psychology*, 5(2), 100.
- McGlone, K. C. (2002). Psychological Stress in Adoptive Parents of Special-Needs Children. *Child Welfare*, 81(2), 151-171.
- Merz, E. C., & McCall, R. B. (2010). Behavior Problems in Children Adopted from Psychosocially Depriving Institutions. *Journal Of Abnormal Child Psychology*, 38(4), 459-470. doi:10.1007/s10802-009-9383-4.
- Miall, C. E. (1986). The stigma of involuntary childlessness. *Social Problems*, 33 (4), 268-282.

- Miall, C. E. (1987). The Stigma of Adoptive Parent Status: Perceptions of Community Attitudes Toward Adoption and the Experience of Informal Social Sanctioning. *Family Relations*, 36(1), 34.
- Muñoz, I. B., Rebollo, M. F., Fernández-Molina, M., & Morán, R. B. (2007). Percepción de las estrategias de socialización parentales en familias adoptivas y no adoptivas. = Perception of parental socialization strategies in adoptive and non-adoptive families. *Psicothema*, 19(4), 597-602.
- Neil, E. (2012). Making sense of adoption: Integration and differentiation the perspective of adoption in middle childhood. *Children & Youth Services Review*, 34(2), 409-416. doi: 10.1016/j.childyouth.2011.11.011.
- Polanska, K., Jurewicz, J., & Hanke, W. (2015). Smoking and alcohol drinking during pregnancy as the risk factors for poor child neurodevelopment– A review of epidemiological studies. *International journal of occupational medicine and environmental health*.
- Raaska, H. h., Lapinleimu, H., Sinkkonen, J., Salmivalli, C., Matomäki, J., Mäkipää, S., & Elovainio, M. (2012). Experiences of School Bullying Among Internationally Adopted Children: Results from the Finnish Adoption (FINADO) Study. *Child Psychiatry & Human Development*, 43(4), 592-611. doi:10.1007/s10578-012-0286-1.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*.
- Ritchie, L. D. (1991). Family Communication Patterns: An Epistemic Analysis and Conceptual Reinterpretation. *Communication Research*, 18(4), 548-65.
- Rodríguez-Jaume, M. J., & Ruiz, D. J. (2015). Estigma social i adopció internacional a Espanya. És la família adoptiva un model familiar menys «autèntic» que els basats en llaços biològics?. *Papers: revista de sociologia*, 100(2), 211-236.
- Romera Leme, V. B., Perreira Del Prette, Z. A., & Coimbra, S. (2015). Social Skills, Social Support and Well-Being in Adolescents of Different Family Configurations. *Paideia* (0103863X), 25(60), 9-17. doi:10.1590/1982-43272560201503.

- Rosnati, R., Ranieri, S., & Barni, D. (2013). Family and Social Relationships and Psychosocial Well-Being in Italian Families With Internationally Adopted and Non-Adopted Children. *Adoption Quarterly*, 16 (1), 1. doi:10.1080/10926755.2012.731030.
- Rueter, M. A., & Koerner, A. F. (2008). The effect of family communication patterns on adopted adolescent adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 70, 715 – 727.
- Sánchez-Sandoval, Y., & Palacios, J. (2012). Problemas Emocionales y Comportamentales en Niños Adoptados y No Adoptados. *Clinica Y Salud*, 23(3), 221-234.
- Sartaj, B., & Aslam, N. (2010). Role of Authoritative and Authoritarian Parenting in Home, Health and Emotional Adjustment. *Journal Of Behavioural Sciences*, 20(1), 47-66.
- Sayal, K. R. (2014). Prenatal exposure to binge pattern of alcohol consumption: mental health and learning outcomes at age 11. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 23(10), 891-899.
- Simons, G. L. & Conger, R. D. (2007). Linking father-mother differences in parenting to a typology of parenting style and adolescent outcomes. *Journal of Family Issue*, 28(2), 212-241. <http://dx.doi.org/10.1177/0192513X06294593>.
- Sousa, M. T. (2014). Bakhtin, Mead E Goffman: contribuições para uma perspectiva praxiológica da comunicação. *Temática*, 9(04).
- Stams, G. F. (2000). The Development and Adjustment of 7-year-old Children Adopted in Infancy. *Journal Of Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 41(8), 1025.
- Steele, M., Hodges, J., Kaniuk, J., & Steele, H. (2010). Mental representation and change: Developing attachment relationships in an adoption context. *Psychoanalytic Inquiry*, 30, 25-40.

- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent – adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1 – 19.
- Tirella, L. G., Tickle-Degnen, L., Miller, L. C., & Bedell, G. (2012). Parent Strategies for Addressing the Needs of Their Newly Adopted Child. *Physical & Occupational Therapy In Pediatrics*, 32(1), 97-110.
- Von Korff, L., & Grotevant, H. D. (2011). Contact in adoption and adoptive identity formation: the mediating role of family conversation. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 393.
- Watzlawick, P. Beavin, JH-Jackson, D.D. (1967): “Pragmatics of Human Communication. A Study of Interactional Patterns, Pathologies and Paradoxes”. *New York*.
- Watzlawick, P., & Jackson, D. D. (2010). On human communication (1964). *Journal of Systemic Therapies*, 29(2), 2010, 53–68.
- Wegar, K. (2000). Adoption, family ideology, and social stigma: bias in community attitudes, adoption research, and practice. *Family Relations*, 49(4), 363-370. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00363.x.
- Williams, E. (2011). Canberra families with children adopted from overseas: supporting parents in managing children's challenging behaviours. *Australian Journal of Adoption*, 3(1).
- Woolgar, M., & Baldock, E. (2015). Attachment disorders versus more common problems in looked after and adopted children: Comparing community and expert assessments. *Child And Adolescent Mental Health*, 20(1), 34-40. doi:10.1111/camh.12052.
- Wrobel, G. M., Kohler, J. K., Grotevant, H. D., & McRoy, R. G. (2003). The Family Adoption Communication (FAC) Model: Identifying Pathways of Adoption-Related Communication. *Adoption Quarterly*, 7(2), 53-84. doi:10.1300/J145v07n02_04.

- Wydra, M., O'Brien, K. M., & Merson, E. S. (2012). In Their Own Words: Adopted Persons' Experiences of Adoption Disclosure and Discussion in Their Families. *Journal of Family Social Work*, 15(1), 62-77.
- Yildirim, E. D., & Roopnarine, J. L. (2015). The mediating role of maternal warmth in the associations between harsh parental practices and externalizing and internalizing behaviors in Hispanic American, African American, and European American families. *Cultural Diversity And Ethnic Minority Psychology*, 21(3), 430-439. doi:10.1037/a0038210.

APÊNDICES

Apêndice I

Árvore de Categorias

Comunicação (10)

1. MESO-EXOSISTEMA (10)

a. Amigos (6)

- i. Perceção Negativa (2)
- ii. Perceção Positiva (6)

b. Escola (10)

- i. Perceção Negativa (6)
- ii. Perceção Positiva (6)

c. Família de acolhimento da criança- Ciúme (1)

d. Família de origem (10)

- i. Perceção Negativa (5)
- ii. Perceção Positiva (10)

e. Instituição da Criança- Perceção Positiva (3)

f. Sistema de Adoção (5)

- i. Perceção Negativa (1)
- ii. Perceção Positiva (5)

g. Técnicos de Saúde Física- Perceção Positiva (5)

h. Técnicos de Saúde Mental (9)

i. Trabalho dos pais- Perceção Negativa (1)

2. MICRO-SISTEMA (10)

a. Comunicação pais-filhos (10)

- i. Afetividade (10)
- ii. Comunicação sobre adoção (10)

- 1. Abordado abertamente (10)

2. Parcial (4)

iii. Hostilidade (4)

iv. Padrões Comunicacionais Familiares (10)

1. Orientação para o Conformismo (3)
2. Orientação para o Diálogo (10)

v. Regulação do Comportamento (10)

b. Comunicação Relativa ao Casal (8)

i. Forças (7)

1. Apoio (2)
2. Diálogo (4)
3. Fronteiras Nítidas Conjugalidade- Parentalidade (1)
4. Sintonia (6)

ii. Fragilidades (4)

1. Ausência Física (2)
2. Fronteiras Difusas Conjugalidade- Parentalidade (4)

c. Comunicação Sobre o Comportamento do Filho (10)

i. Forças- Competências (10)

1. Afetividade (10)
2. Autonomia (7)
3. Humor- Alegria (10)
4. Obediência (7)
5. Resiliência (5)

ii. Fragilidades- Dificuldades (10)

1. Ansiedade (7)
2. Ciúme (4)

3. Dependência- Insegurança (8)
4. Dificuldades Escolares (9)
5. Dificuldades Sociais (5)
6. Egoísmo (1)
7. Manipulação (7)
8. Mentira (4)
9. Necessidade de Atenção (7)
10. Oposição (6)
11. Problemas de Comportamento (7)
12. Problemas de Saúde (7)
13. Rejeição (9)
14. Teimosia (5)